

Parte II

Aspectos da espiritualidade teresiana que iluminam o itinerário espiritual-carismático de santo Aníbal Maria

A segunda parte de nossa pesquisa tem o objetivo de adentrar na doutrina espiritual de santa Teresa de Jesus, buscando elementos que possibilitem o encontro da espiritualidade teresiana com a espiritualidade e o carisma de santo Aníbal Maria Di Francia.

No quinto capítulo de nossa pesquisa abordaremos alguns aspectos da oração em santa Teresa, dando ênfase ao encontro de amizade com Deus através de Jesus Cristo, sendo este pessoal, transformante e dinâmico; apresentando os graus de oração; e, por fim, destacando a necessidade do conhecimento de si como caminho para a purificação dos sentidos e do espírito.

Na sequência, o sexto capítulo trata diretamente da santa Humanidade de Cristo e da incidência que essa contemplação tem na vida de oração de santa Teresa. Buscaremos na contemplação de Cristo, vítima e sacerdote, o sustento para os desafios do caminho espiritual-apostólico. Diante da cristologia teresiana, almejamos encontrar o justo equilíbrio entre o ser “Maria-Marta” na vida consagrada, a partir do conhecimento e “apropriação” dos sentimentos e atitudes de Cristo na vida pessoal e comunitária.

Por fim, no sétimo capítulo, buscaremos a aproximação de alguns elementos da espiritualidade teresiana com a espiritualidade de santo Aníbal Maria, o que também nos ajudará nas conclusões de nossa pesquisa, a saber: o amor à eucaristia, a devoção à Virgem Maria, a ascese teresiana e como santa Teresa vivenciou o zelo para com os operários da messe.

5.

A oração em santa Teresa de Jesus

No capítulo que abre a segunda parte de nossa pesquisa faremos uma breve apresentação histórica de santa Teresa de Jesus. Na sequência, trataremos da importância da oração como caminho para Deus, a partir da experiência e doutrina da santa doutora de Ávila. Apresentar a oração como um trato de amizade entre Deus e a pessoa, é algo imprescindível para levar adiante a questão. Teresa como uma boa pedagoga, reza e ensina a rezar.

Veremos que santa Teresa apresenta em seus escritos os graus de oração que ela mesma experimentou e neste percurso faz compreender que o autoconhecimento é necessário ao longo de todo o processo e que, o enfrentamento das noites escuras do sentido e do espírito, compõem o caminho do crescimento espiritual e da perfeita unidade com Deus.

Prossigamos nossa pesquisa apresentando esses aspectos da oração teresiana, suas exigências e consequências.

5.1.

Aspectos históricos da vida de santa Teresa de Jesus

Consideramos que, na introdução desse estudo, seria importante acenar para algumas características de santa Teresa e de seu tempo, a fim de contextualizarmos a pesquisa. Tomamos como referência para essa breve apresentação, a obra de T. Alvarez: *“100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar”*.

Seu nome é Teresa Sanchez de Cepeda y Ahumada, embora assine Teresa de Ahumada. A partir da fundação do novo Carmelo, assina como “Teresa de Jesus, carmelita”. Nasceu em Ávila, em 1515, e morreu em Alba de Tormes, em 1582, aos 67 anos de vida. Aos 14 anos de idade fica órfã de mãe e entra para o Carmelo no ano de 1535, emitindo os votos religiosos em 1537. Sabemos que enfrenta um longo período de doença, ao ponto de ser dada por morta. Em 1543, quando Teresa tem apenas 28 anos de idade, morre seu pai. De acordo com seus escritos, será no ano de 1554 que terá uma grande mudança de vida, um novo início, rumo a maturidade e plenitude. Neste ano começa a ter experiências místicas extraordinárias, o que a insere ainda mais profundamente no mistério cristão. Foi em 1560 que iniciou sua tarefa de escritora, com o primeiro escrito que chegou até nós, *Relações I*. Já a missão como fundadora emergiu em 1562, com o primeiro Carmelo, em Ávila. Em 1567 fez sua primeira saída como fundadora, indo a Medina del Campo, sendo a última viagem em 1581, pra Ávila-Burgos-Alba de Tormes. Santa Teresa morre em Alba de Tormes em 1582.¹

Santa Teresa percorreu mais de mil quilômetros, fundou Carmelos em Ávila, Medina, Valladolid, Toledo, Malagón, Salamanca, Alba de Tormes,

¹ Cf. ALVAREZ, T., 100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar, p. 10.

Pastrana, Segóvia, Beas, Sevilla, Villanueva de Jara, Palência, Sória e Burgos. Deixou-nos cerca de 2000 páginas autógrafas, porém, escreveu muito mais. T. Alvarez apresenta seus escritos em quatro obras maiores: *Livro da Vida*, *Caminho de Perfeição*, *Castelo Interior ou Moradas e Fundações*; vários escritos menores: *Relações*, *Conceitos do Amor de Deus*, *Exclamações da Alma a Deus*, *Constituições*, *Modo de Visitar os Conventos* e *Poesias*; dentre os escritos menores também estão seus escritos humorísticos; temos ainda suas *Cartas*, das quais conservam-se quase meio milhar, porém, escreveu vários milhares, sendo mais de cem só ao Frei Gracián. T. Alvarez, apresenta ainda os escritos perdidos, que são as diversas *Relações*, a primeira redação do *Livro da Vida*, parte de seu comentário ao *Cântico dos Cânticos* e um desconhecido escrito dos seus catorze anos, uma novela cavalheiresca.²

Estamos diante de uma mulher frágil fisicamente, porém de grande força psíquica, cujo espírito jamais se rendeu às doenças corporais. Mulher abulense, carmelita, mística e humanista, contemplativa, escritora, autodidata, fundadora e líder, empreendedora e negociadora, santa, mestra e mãe espiritual. A Teresa mística também era boa cozinheira, de grande habilidade nos negócios, aberta à amizade e à comunhão com as pessoas, dentre os quais destacamos: São Francisco de Borja, São Pedro de Alcântara, São João da Cruz, São João de Ávila, São João de Ribera, São Luís Beltrão, Frei Jerônimo Gracián, entre outros.³ Enfatizamos sua incansável busca por guias espirituais autênticos, que a ajudassem em seu caminho espiritual.⁴

De acordo com o interesse de nossa pesquisa, nessa introdução destacamos, ainda, a realidade eclesial em que Teresa se encontra. Vemos que o clero constituía a classe mais próxima de Teresa e a mais determinante para uma religiosa como ela. Na Espanha de seu tempo o clero estava organizado piramidalmente, isto é, na base o baixo clero, o alto clero e os ministros representantes do centro eclesial romano. Teresa mantém relações pessoais com diferentes níveis do escalão eclesial, conhecendo também a burocracia oficial, da qual dependeu na sua atividade de fundadora. Ao longo de sua vida contará com a solidariedade de alguns bispos e de muitos sacerdotes do baixo clero. É possível

² Cf. ALVAREZ, T., 100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar, p. 10-11.

³ Cf. Ibid., p. 11.

⁴ Para aprofundar esse tema indicamos: MAROTO, D. P. *Lecturas y maestros de santa Teresa*. Triana; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2009.

que o grupo do baixo clero possa ter possibilitado a Teresa vislumbrar a paisagem eclesial não só da Espanha, mas também da Europa. Não podemos omitir que tenha sofrido na mão de alguns prelados de seu tempo, dos quais destaca-se o núncio papal Felipe Sega.⁵ No entanto, queremos destacar que:

O sacerdote, para ela, não é um empregado de carreira. No momento crucial vivido pela Igreja, o sacerdote é um porta-bandeira. Uma espécie de capitão dos cristãos. É um defensor da causa de Cristo. Para exercer sua função, requer-se dele uma qualidade: perfeição. Não é tempo agora de ver imperfeições nos que têm a tarefa de ensinar. Fará mais um perfeito do que muitos que não o são.⁶

Teresa, mestra de oração, morre “filha da Igreja”, empenhada na santificação de cada membro do Corpo Místico de seu Divino Esposo. Na sequência, adentraremos alguns aspectos de sua doutrina, com especial enfoque em seu testemunho e pedagogia de oração, na intuição de que o caminho trilhado pela doutora do Carmelo possa, ainda hoje, ser útil para a vida consagrada, em especial, a vida consagrada das Filhas do Divino Zelo, que nas raízes fundacionais encontram suporte para esse encontro espiritual.

Prosseguiremos nossa pesquisa aprofundando a temática da oração teresiana.

5.2. A oração como caminho para Deus

5.2.1. O itinerário de oração de santa Teresa de Jesus

“Mestra de oração” é um dos títulos oficiais de santa Teresa, ao mesmo tempo que é uma das missões desenvolvidas por ela na Igreja. Este é um dos motivos para a atualidade de sua pessoa e mensagem ao longo dos séculos que a sucedem. Como contemplativa e pedagoga de oração, ultrapassa tempos e religiões. Teresa reúne em si duas coordenadas necessárias a uma autêntica mestra de oração: é ela própria uma orante que encarna a práxis da oração e uma pensadora e codificadora do fenômeno religioso da oração. Na dimensão pedagógica, é uma mestra atenta à formação de cada orante, mas, também capaz de guiar os grupos de oração reunidos em cada Carmelo e de dar-lhes um estilo de

⁵ Cf. ALVAREZ, T., 100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar, p. 24-25.

⁶ Ibid., p. 25.

vida contemplativo. Viveu em um tempo no qual era forte o chamado à interioridade, o que tornou propício um intenso movimento oracionista.⁷ No tempo de Teresa, os mestres do movimento oracionista incitavam à meditação metódica ou propunham a oração de recolhimento em direção à própria interioridade e assim rezou Teresa em seu tempo de aprendizagem. No entanto, sua oração passou de uma meditação pessoal para uma relação amorosa e interpessoal entre ela e o Senhor. Uma relação dialógica⁸ com aquele que é Pai, Irmão, Mestre e Esposo.⁹

Certamente, foi em família, que teve os primeiros contatos com a oração, como vemos registrado em sua história, por exemplo, quando recorda-se de sua mãe e de sua paixão pela solidão para rezar.¹⁰ Dentre outros autores que a inspiraram, destacamos Osuna, com o Terceiro Abecedário, livro que ensinava a oração de recolhimento e que foi seu primeiro guia de oração.¹¹ Em *Caminho de Perfeição* lembrará a suas monjas: “A nossa primeira Regra diz que oremos sem cessar”.¹² A Regra utilizada pela santa dirá: “Todos os irmãos devem sempre estar em suas celas ou junto a elas, meditando e pensando, noite e dia, na lei de Deus, e velando em oração, caso não estejam ocupados em outros justos e honestos ofícios e exercícios”.¹³ Essa norma plasmou a vida religiosa de Teresa. Dentre outras leituras e autores que ajudaram a formar nossa mestra de oração, queremos destacar o quanto São José teve influência em seu percurso. Ele, é para santa Teresa, modelo de oração silenciosa, contemplativa e ativa, na intimidade e na proximidade de Jesus e Maria. Modelo ideal, ao qual, expressa e intencionalmente, dá o título de Mestre.¹⁴

Podemos apontar para três fases no itinerário de oração de santa Teresa: a sua oração espontânea no tempo de infância, o longo período de oração difícil nos anos da juventude e a etapa final de oração mística.¹⁵ Nesse caminho deparou-se com a crise de ser uma fervorosa divulgadora da oração, sendo que ela mesma

⁷ Cf. ALVAREZ, T., *Orazione*, p. 413.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 417.

⁹ Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 28,3.

¹⁰ Cf. *Id.*, *Livro da Vida*, 1,6.

¹¹ Cf. *Ibid.*, 4,7.

¹² *Id.*, *Caminho de Perfeição*, 4,2.

¹³ ALVAREZ, T., In: SANTA TERESA, *Obras completas*, p. 311.

¹⁴ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 6,8.

¹⁵ Cf. ALVAREZ, T., *Orazione*, p. 415.

havia abandonado tal prática no âmbito pessoal ao menos por um ano inteiro.

Santa Teresa escreve:

[...] tinha vergonha, em tão particular amizade como é tratar de oração, de me aproximar de Deus. [...] Esse foi o mais terrível engano que o demônio me podia fazer sob a capa de humildade: por me ver tão perdida, passei a temer a oração. E eu tinha a impressão de que era melhor andar como os muitos [...] rezando apenas as orações a que estava obrigada, e vocalmente, pois não era justo fazer oração mental e relacionar-se tanto com Deus quem merecia estar na companhia dos demônios e enganava os outros, visto que, no exterior, mantinha as aparências.¹⁶

Durante a crise, Teresa continuou fazendo as orações litúrgicas junto com a comunidade. Foi após a morte de seu pai que se propôs a não faltar mais à oração mental e persevera contra todos os obstáculos.¹⁷ Foi em meio a estas lutas que chegou o momento de sua conversão, mais precisamente a passagem da oração meditativa para a oração mística, da representação do Senhor para a sua presença. A oração mística compreende os últimos vinte e oito anos de sua vida. Aqui tudo se tornou oração para Teresa: “[...] mesmo quando queria me distrair, eu nunca saía da oração. Mesmo dormindo, tinha a impressão de estar nela [...]”¹⁸, pois, “Tudo era um meio para mais conhecer e amar a Deus, para ver o quanto Lhe devia e mais lamentar o que tinha sido”.¹⁹ Todos os escritos teresianos foram redigidos neste período. É no auge da oração mística que Teresa compreende melhor a natureza e eficácia da oração cristã.²⁰

Na doutrina teresiana a oração não é um fenômeno ocasional ou marginal, mas algo interno e essencial à própria vida. Ela se realiza em um processo de evolução, como um processo de amor entre os enamorados.²¹ Teresa testemunha que seu trajeto foi longo, cerca de dezoito anos, acometido de sofrimentos e aridez.²² Período em que se entrecruzam extrema impotência, com tempos de lucidez e de intensa oração mística. Diante dessa realidade, estabelece grande luta pela oração:

Singrei esse mar tempestuoso durante quase vinte anos, caindo e levantando – levantando-me mal, pois voltava a cair. Era tão pouca a minha perfeição que quase não me importava muito com os pecados veniais, e, embora temendo os mortais,

¹⁶ SANTA TERESA, Livro da Vida, 7,1.

¹⁷ Cf. Ibid., 8,7.12.

¹⁸ Ibid., 29,7.

¹⁹ Ibid., 21,10.

²⁰ Cf. ALVAREZ, T., Orazione, p. 417.

²¹ Cf. Id., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 116.

²² Cf. SANTA TERESA, op. cit., 4,9.

nem por isso me afastava dos perigos. Trata-se de uma das vidas mais penosas que, a meu ver, se pode imaginar: eu não me rejubilava em Deus nem me alegrava no mundo. Nos contentamentos mundanos, era atormentada pela lembrança do que devia a Deus; quando estava com Ele, era perturbada pelos contentamentos do mundo. É tão dura essa batalha que nem sei como suportaria um mês, quanto mais tantos anos.²³

Santa Teresa não mais deixou de ter oração. Tornou-se “Mestra de Oração” para suas monjas e para a Igreja. Grande pedagoga, a santa de Ávila nos mostra que rezar é colocar-se em relação com Deus, fora de quem nada existe.

5.2.2. Rezar é colocar-se em relação com Deus

Percorrendo sua doutrina acerca da oração, podemos dizer que, para santa Teresa, rezar é colocar-se em relação com Deus, sabendo que Ele está sempre aberto para a relação com o ser humano: “Para mim, a oração mental não é senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama”.²⁴ É central compreender que a oração é o “tu a tu” com aquele que sabemos nos amar. A oração é estar em relação com Deus que é Amor, que ultrapassa nossa incapacidade de amar e nos concede amar por sua graça, com seu próprio Amor: “[...] não podeis por vós mesmos chegar a amá-Lo, porque não é de vossa condição [...]”.²⁵ Ele nos precede no amor.

Trata-se de uma relação de amizade que requer frequência, perseverança, permanente busca do amor que permite amar. Não obstante aos pecados cometidos e as rupturas da aliança que fazemos diante da fidelidade de Deus, Teresa insistirá que quem começou a ter vida de oração não volte atrás: “[...] quem começou a ter oração não deve deixá-la, por mais pecados que cometa. Com ela, terá como se recuperar e, sem ela, terá muito mais dificuldades”.²⁶

O trato com Deus não é uma metáfora, é real, pois Cristo é o verdadeiro amigo. Estamos diante de uma realidade que faz circular o amor entre dois. O diálogo com Cristo significa dar início a uma espiral de amizade que comprometerá a vida do orante, desenvolvendo uma dinâmica de amizade mútua,

²³ SANTA TERESA, Livro da Vida, 8,2.

²⁴ Ibid., 8,5.

²⁵ Ibid., 8,5.

²⁶ Ibid., 8,5.

com um desenvolvimento imprevisível.²⁷ Não hesita em afirmar que “Ele nos fala ao coração quando de coração lhe pedimos”.²⁸ Teresa demonstra compreender que a virtude teologal da caridade consiste na “amizade do homem com Deus”, e que esta amizade tende a tornar iguais os amigos, a nivelar as pretensões e o próprio modo de ser.²⁹ No capítulo oitavo do *Livro da Vida*, além de exortar aos que começaram a ter vida de oração a não parar na busca, exorta aos que não tem para que iniciem esse processo:

[...] peço aos que ainda não começaram que, por amor a Deus, não se privem de tanto bem. Não há o que temer, mas o que desejar. Porque, mesmo que não vá adiante nem se esforce pela perfeição, a ponto de merecer os gostos e regalos que Deus dá aos perfeitos, ao menos irá conhecendo o caminho que leva ao céu. Se perseverar, tudo espero da misericórdia de Deus, pois ninguém fez amizade com Ele sem dele obter grande recompensa.³⁰

Quando Teresa define a oração (mental) como um “trato de amizade com Deus”, coloca em segundo plano o conteúdo objetivo dessa oração e da mesma maneira o seu “para que”, dando ênfase no ato de estar em relação com Deus. A oração é vista como um valor que se justifica por si. A essência da oração consiste na atuação própria da relação de amizade entre as duas pessoas envolvidas. É, portanto, “fazer amizade”, tratar-se dentro da amizade. Segundo T. Alvarez, na oração teresiana o elemento afetivo tem predomínio. Amizade e amor suportam o peso das relações entre as duas pessoas interessadas na oração.³¹ Para tratar do núcleo da oração Teresa dirá: “[...] o importante não é pensar muito, mas amar muito. E, assim, deveis fazer o que mais vos despertar o amor”,³² “[...] não exige força corporal, mas só amor e costume”³³, “tratando com Ele como um pai, um irmão, um Senhor e um Esposo, às vezes de uma maneira e às vezes de outra; Ele vos ensinará o que tendes de fazer para contentá-Lo”.³⁴

Vemos que a oração em Teresa é repleta de uma linguagem afetiva, uma amizade que impõe a presença total de si mesmo, a total abertura ao Outro. No entanto, isso não esvazia o conteúdo da oração. Para a santa, não há oração sem

²⁷ Cf. ALVAREZ, T., Gli orizzonti di Teresa di Gesù, p. 410-411.

²⁸ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 24,5.

²⁹ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 411.

³⁰ SANTA TERESA, Livro da Vida, 8,5.

³¹ Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 134-138.

³² SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 4,1,7. Podemos conferir também em: Id., Fundações 5,2; Id., Castelo Interior ou Moradas 5,3,11; Id., Livro da Vida 11,13.

³³ SANTA TERESA, Livro da Vida, 7,12.

³⁴ Id., Caminho de Perfeição, 28,3.

verdade. A verdade é um pressuposto indispensável para quem começa a fazer oração e, chegar à verdade, forma parte do seu conteúdo insubstituível: “[...] um espírito que não comece pela verdade melhor faria em não orar”.³⁵ Nossa mestra de oração se refere, segundo T. Alvarez, antes de tudo, à verdade da própria vida: “[...] estar na verdade diante da própria Verdade”.³⁶ Teresa nos convida a não falsear nossa postura diante de Deus e a trazer para a oração a fé e a Escritura, bagagem indispensável para poder aproximar-se de Deus e falar-lhe. Enquanto conteúdo, a oração segundo Teresa, se abre a duas verdades fundamentais: a verdade de cada uma das pessoas que estabelecem amizade.³⁷

Para santa Teresa, tudo é matéria de oração, “tudo era um meio para mais conhecer e amar a Deus, para ver o quanto Lhe devia e mais lamentar o que tinha sido”.³⁸ O divino e o humano, o grandioso e o fútil, a miséria e a glória, as pessoas e as coisas, tudo será matéria de oração. No entanto, tudo é matéria bruta, que só toma sentido quando pertence aos dois, quando converge no interesse de ambos. Portanto, ao longo do processo, já na oração de contemplação, o foco estará sobre a Outra pessoa. Ela dirá: “[...] aquietado o intelecto, fique ali com Ele. Se puder, que se ocupe em ver que Ele o olha, fazendo-Lhe companhia [...]”³⁹ e “[...] é bom que encareis Aquele com quem falais, bem como quem sois vós [...]”.⁴⁰ Centrar-se nos interesses do Senhor é a meta no processo orante teresiano.⁴¹ Lembramos aqui que, para Aníbal Maria, estamos diante do desafio de tomar para nós os interesses do Coração de Jesus, diminuindo para que Ele cresça⁴², esposando seus interesses e vivendo por eles.

A oração torna-se uma modalidade de vida e não se reduz a uma prática ocasional. A amizade com Deus é aquela mais importante, que antecipa todas as outras amizades e que as condiciona. Nesta dinâmica, a amizade, a oração, está sempre em processo de crescimento, ficando dependente de Deus quando chega aos seus últimos graus, isto é, nos graus místicos. A oração é um dinamismo propulsivo, operativo, que não isola da realidade, mas direciona sempre ao bem dos irmãos, pois, o Senhor quer as obras: “Se verdes uma enferma a quem podeis

³⁵ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,16.

³⁶ Ibid., 40,3.

³⁷ Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 138.

³⁸ SANTA TERESA, op. cit., 21,10.

³⁹ Ibid., 13,22.

⁴⁰ Id., Caminho de Perfeição, 22, 1.

⁴¹ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 139.

⁴² Cf. Jo 3,30.

dar algum alívio, não vos importeis em perder essa devoção e tende compaixão dela. [...] E, se for necessário, jejuai para que ela coma; não tanto por ela, mas porque sabeis que o vosso Senhor deseja isso”.⁴³ Tudo isso é possível pela graça de Deus, que chama ao seguimento do Filho que tudo padeceu pelo “desejo de que as almas se salvem”.⁴⁴

Com santa Teresa entendemos que a oração é germe da contemplação, e a contemplação é um chamado à união com a vontade e com o ser divino, que tem na caridade sua expressão máxima. Neste último grau de seu itinerário orante, mais que interessar-se com muitos elementos para a meditação, importam-lhe as pessoas e tudo o que diz respeito a cada uma das duas, os bens e os males, as necessidades e os ideais, os amigos de cada um dos amigos e seu mundo.⁴⁵ O desejo de salvar os irmãos e irmãs e o sofrimento pelas almas que se perdem, permitem que Teresa e Aníbal se encontrem. O Rogate é a resposta oferecida pelo próprio Cristo para o bem daqueles que padecem em meio à humanidade. Aníbal Maria, tutor deste mandamento, oferece ao carisma teresiano um santo bálsamo a ser derramado nas chagas do Crucificado, pois somente do próprio Senhor vem o remédio que lhe é agradável, ou seja, salvar as almas, missão que leva adiante na história por meio de seus santos operários.

5.2.3.

A importância do conceito de si e de Deus na oração

Para compreendermos melhor a oração teresiana, é necessário sermos iniciados no conceito que Teresa tem de si mesma e de Deus, uma vez que essas duas pessoas estão diretamente implicadas em seu conceito de oração. De acordo com T. Alvarez, a imagem de si, santa Teresa a faz na oração. Ela não é o que é diante de si sozinha ou dos outros, mas diante de Deus. Essa é sua verdade e diante de Deus se apresenta com um duplo fardo: o de sua pessoa e de sua vida. Ao tratar de sua pessoa, antes de qualquer coisa, se refere à sua alma, à nobreza de sua alma, à capacidade do espírito, ao espaço da interioridade. É daí que falará com Deus desde as coisas, os sentidos, os outros, as palavras, mas, sua dimensão pessoal é interior. Essa interioridade potencializará sua palavra e a possibilidade

⁴³ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,3,11.

⁴⁴ Ibid., 5,2,13.

⁴⁵ Cf. ALVAREZ, T., Orazione, p. 418.

de referir-se a Ele. Assim, a oração a Deus se espiritualiza em cada pessoa em proporção com a zona de espiritualidade de onde brota. Não se trata de uma negação do corpo⁴⁶, mas do reconhecimento da importância da tomada de consciência da interioridade e da espiritualidade pessoal.⁴⁷

Percorrendo a história de santa Teresa vemos que foi intensa em suas amizades, e que sua conversão consistiu, dentre outros aspectos, na superação da situação dispersiva em que tais amizades⁴⁸, mesmo que verdadeiras, a colocavam. “Tratar de amizade” condensará toda sua vida e experiências que precedem o contexto da conversão. A oração equivalerá à canalização da vida pelo caminho da amizade, em direção a Deus, pela Sagrada Humanidade de Cristo, com a totalidade de um enamoramento e a lealdade de uma amizade verdadeira e inconfundível. Teresa se dará mais à oração, afastando-se das coisas que poderiam levá-la à perdição⁴⁹ e compreende que essa graça recebida está em favor da humanidade: “[...] Deus parece ter querido escolhê-las para beneficiar muitas outras, especialmente nesta época, em que são necessários amigos fortes de Deus para sustentar os fracos [...]”.⁵⁰ Logo, a palavra dita a Deus será ou não será oração, de acordo com o que despertar ou não na vida concretamente vivida por quem inicia essa forma de diálogo com Ele.

Passemos então a compreender a imagem de Deus que Teresa nos revela e como relacionar-se com Ele nesse “trato de amizade” que é a oração teresiana. A oração da santa dá-se diante de um Outro que é diferente dela. É real o desnível entre as pessoas: nas condições, nos afetos, no amor e na amizade.⁵¹ No entanto, mesmo em tamanha diferença, apresenta um Deus que não é refratário à nossa amizade. Deus é a Majestade na vida de Teresa, é seu Senhor, é seu Rei, é seu Imperador.⁵² Demonstra clara preferência pelos atributos bíblicos, derivados não apenas da leitura, mas da experiência: poder⁵³, verdade⁵⁴, luz, justo, eterno⁵⁵,

⁴⁶ Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 22,10; Id., *Conceitos do Amor de Deus* 2,3; Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 6,1,8; 6,7,6; Id., *As Relações* 1,4; Id., *Livro da Vida* 11,15; 20,7; 21,6.

⁴⁷ Cf. ALVAREZ, T., *La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa*, p. 141-142.

⁴⁸ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 6,4; 7,6; 8,11.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, 9,9.

⁵⁰ *Ibid.*, 15,5.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, 8,5.

⁵² Cf. Id., *Caminho de Perfeição*, 22,1; Id., *Livro da Vida*, 40,4.

⁵³ Cf. Id., *Livro da Vida*, 19,9; 26,1; 38,19.21; Id., *Conceitos do Amor de Deus*, 6,2.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, 40,1-5.

⁵⁵ Cf. *Ibid.*, 37,6.

fiel.⁵⁶ Deus é a suma Verdade e a fonte de toda a verdade: “Essa Verdade é em si mesma verdade, não tendo princípio nem fim. Todas as outras verdades dependem dessa Verdade, assim como todos os demais amores, desse Amor, e todas as outras grandezas, dessa Grandeza”.⁵⁷

O recurso às imagens não desfaz o mistério, não dispensa a mordação do inefável. Deus é “muito mais e mais”.⁵⁸ É um mistério que oprime o pensamento. Espanta olhar sua majestade⁵⁹, traz gozo o encontro com sua incompreensibilidade.⁶⁰ Reconhece e afirma que diante de Deus todo o nosso saber não passa de puro balbucio: “Ó Senhor e Deus meu, quão magníficas são Vossas grandezas! E andamos aqui como pastorzinhos bobos, julgando enxergar de Vós algo que não deve ser mais que nada [...]”.⁶¹ Ao tratar das coisas de Deus, ela criatura tão miserável, sente-se tremer⁶² e espantada⁶³. Vê-se com o pavor de Pedro que lhe pede que se afaste.⁶⁴ Diante de sua Majestade sente os “cabelos se arrepiarem” com a impressão de “estar toda desfeita”.⁶⁵ Se deslumbrada por sua claridade, sentindo-se cega, ofuscada, absorta, espantada e desvanecida diante de tantas grandezas.⁶⁶ Sente-se aniquilar⁶⁷, invadida de respeito a Ele⁶⁸, cheia de pecado e recorda-se do verso que diz⁶⁹: “Quem será justo diante de ti?”.⁷⁰ Diante de Deus se sente um ser feminino e mesquinho⁷¹, “[...] criatura tão ruim, tão baixa, tão fraca e miserável [...]”.⁷² Diante da santidade do Senhor, se sente cheia de abominações⁷³, uma pecadorazinha⁷⁴, de mal odor⁷⁵, que se vê impelida a dizer ao seu Senhor: “Não depositeis, Criador meu, licor tão precioso em vaso tão

⁵⁶ Cf. ALVAREZ, T., *La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa*, p. 143.

⁵⁷ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 40,4.

⁵⁸ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 5,1,8.

⁵⁹ Cf. Id., *Livro da Vida*, 37,6.

⁶⁰ Cf. Id., *As Relações* 33; Id., *Livro da Vida* 19,9.

⁶¹ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 4,2,5. Para encontrarmos suas referências acerca da penetração do mistério podemos consultar: Id., *Livro da Vida*, 32,13; 4,9; Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 6,4,6; 6,8,6; 6,1,1.

⁶² Cf. Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 7,1,2.

⁶³ Cf. Id., *Relações* 5,9; Id., *Castelo Interior ou Moradas* 6,5,4; 6,9,5; Id., *Livro da Vida* 38,17,19.

⁶⁴ Cf. Id., *Livro da Vida*, 22,11.

⁶⁵ Cf. *Ibid.*, 38,19; 20,7; 39,3.

⁶⁶ Cf. *Ibid.*, 20,29.

⁶⁷ Cf. *Ibid.*, 38,19.

⁶⁸ Cf. *Ibid.*, 40,3.

⁶⁹ Cf. *Ibid.*, 20,28.

⁷⁰ SI 142,2.

⁷¹ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,6,4.

⁷² Id., *Livro da Vida*, 18,4.

⁷³ Cf. *Ibid.*, 38,21.

⁷⁴ Cf. Id., *Caminho de Perfeição*, 34,9.

⁷⁵ Cf. *Ibid.*, 22,4.

quebrado, pois já vistes que volto a derramá-lo. [...] Que o Vosso amor não seja tanto, ó Rei eterno [...]”.⁷⁶ Teresa expressa sentimentos de grande reverência diante da transcendência da divindade e nesse contexto se abre como uma flor à amizade. Sua miséria diante da Misericórdia Divina a leva à intimidade, à confiança, à ternura, à serenidade, à fé, à esperança e ao amor.⁷⁷ Vejamos o que nos diz Teresa:

O certo é que hoje me consolei com o Senhor, tendo todo o atrevimento de me queixar de Sua Majestade, dizendo-Lhe: “Como, Deus meu, não é suficiente que me mantenhas nesta vida miserável e que eu, por amor a Vós, passe por isso e deseje viver onde tudo são empecilhos para fruir de Vós, tendo de comer, dormir, tratar de negócios e falar com as pessoas? Bem sabeis, Senhor meu, que isso me causa imenso tormento, que padeço por Vos amar, e, no entanto, nos poucos momentos que me restam para me regozijar Convosco, Vós vos escondes de mim. Como conciliar isso com a Vossa misericórdia? Como pode suportá-lo o amor que me tendes? Creio, Senhor, que se eu pudesse esconder-me de Vós como Vos escondes de mim, não o consentiríeis, dado o amor que eu penso e creio que tendes por mim. Vós, porém, estais comigo e sempre me vedes... Isso não pode, pois, ser assim, Senhor meu! Eu Vos suplico que reconheçais ser isto magoar aquela que tanto Vos ama. [...] por vezes, o amor tanto me desatina que nem sei quem sou [...]”.⁷⁸

Teresa se extasia diante da grandeza de Deus, porém, o encontra em profundidade no mistério de sua condescendência: Deus em Cristo. É surpreendente seu estupor, admiração e amor diante do abaixamento de Deus⁷⁹: “porque Sua Majestade muito se humilha, sendo nós como somos, suportando-nos diante de Si”.⁸⁰ O Senhor que nos ama, faz-se a nossa medida para caber em nosso pequeno palácio:

Eu bem entendia que tinha alma, mas não o que essa alma merecia nem quem estava dentro dela, pois eu mesma tapava os olhos com as vaidades da vida para não vê-lo. Tenho a impressão de que, se então entendesse que nesse palacozinho da minha alma cabe Rei tão grande [...]. Aquele que poderia encher mil mundos, e muito mais, com a Sua grandeza encerrar-se numa coisa tão pequena! Na verdade, como é o Senhor, Ele traz consigo a liberdade e, como nos ama, adapta-se à nossa medida. Quando a alma começa, o Senhor, para que ela não fique alvoroçada vendo-se tão íntima para conter em si tanta grandeza, não Se dá a conhecer enquanto não a for aumentando pouco a pouco nos termos que compreende ser

⁷⁶ SANTA TERESA, Livro da Vida, 18,4.

⁷⁷ Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 144-146.

⁷⁸ SANTA TERESA, op. cit., 37,8.

⁷⁹ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 146.

⁸⁰ SANTA TERESA, op. cit., 15,8.

necessário para conter o que quer pôr nela. Por isso eu digo que Ele traz consigo a liberdade, já que tem o poder de tornar grande esse palácio.⁸¹

Teresa destaca dois aspectos acerca do mistério de Deus: rebaixar-se e desfazer-se em Cristo; e, comunicar-se pessoalmente conosco.⁸² Constatações que faz sem preocupar-se em fazer teologia, mas, atendo-se ao comprovado, ao que experimenta. Na *Kenosis* de Cristo vê a subordinação pessoal de Deus que veio para servir, que se fez escravo.⁸³ Nele glorifica a amizade de Deus: “Cristo é um amigo muito bom, porque O vemos Homem, com fraquezas e sofrimentos, e permanecemos em Sua companhia; e quando nos acostumamos, encontramos-Lo com facilidade junto a nós [...]”.⁸⁴ Partindo de sua íntima relação com o Senhor nos fala de um Deus que em Sua Majestade torna-se escravo para nos alcançar e libertar:

Vendo o Senhor e falando com Ele com tanta frequência, vi brotar em mim um amor muito maior por Ele e uma enorme confiança. Eu percebia que, embora fosse Deus, era Homem, alguém que não se espanta com as fraquezas dos homens, que compreende a nossa vil natureza, sujeita a tantas quedas por causa do primeiro pecado, que Ele viera reparar. Mesmo sendo Ele Senhor, posso tratá-Lo como um amigo, pois Ele não é como os que temos na terra por senhores, que põem todo o seu poderio em manifestações exteriores [...]. Ó Rei da glória e Senhor de todos os reis, Vosso reino não é uma armação de pauzinhos, pois não tem fim! Não se precisa de terceiros para chegar a Vós!⁸⁵

Além da *Kenosis* da Encarnação, a experiência pessoal a faz parar diante da comunicação pessoal de Deus com a humanidade. Para ela, a vida cristã não é tanto o consentimento das graças, mas principalmente a comunicação das pessoas. É diante disso que Deus adquire para ela sua verdadeira fisionomia.⁸⁶ Em *Castelo Interior ou Moradas* repete que não nos assobremos que Deus chegue a comunicar-se tão maravilhosamente conosco.⁸⁷ Quando introduz o símbolo nupcial, o mais expressivo da comunicação pessoal de Deus com o ser humano, volta a admoestar com esses mesmos termos: “[...] não vos espanteis com o que foi dito e com o que se disser [...], quanto mais soubermos que se comunica com

⁸¹ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 29, 11-12.

⁸² Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 146-147.

⁸³ Cf. SANTA TERESA, Fundações, 5,17; Id., Castelo Interior ou Moradas, 3,1,8; Id., Caminho de Perfeição, 33,4.

⁸⁴ Id., Livro da Vida, 22,10.

⁸⁵ Ibid., 37,5-6.

⁸⁶ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 148.

⁸⁷ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,4; 3,2,11; 6,8,1.

as criaturas, tanto mais louvemos a sua grandeza [...]”.⁸⁸ A união é o ápice dessa situação:

Ó Senhor meu, como sois bom! Bendito sejais para sempre! Louvem-Vos, Deus meu, todas as coisas, pois nos amastes de tal maneira que não faltaríamos à verdade ao falar da comunicação que tendes com as almas ainda neste desterro! E mesmo com as que não são boas é grande vossa liberalidade e magnanimidade, porque, Senhor meu, dais como quem sois. Ó generosidade infinita, quão magníficas são Vossas obras! Isso espanta a quem não tem a mente ocupada em coisas da terra a ponto de não poder perceber verdades. Pois concedeis a almas que tanto Vos ofenderam graças tão soberanas que, quando penso nisso, falta-me o entendimento, e não consigo ir adiante. E para onde eu iria senão para trás? Porque dar-Vos graças por tão grandes benefícios não sei como, aliviando-me algumas vezes com dizer disparates.⁸⁹

Exorta suas leitoras para a importância de manter vivo esse “trato de amizade”, a fim de que, a intimidade não se perca por falta de comunicação⁹⁰, reconhecendo que mil vidas não seriam suficientes para que aprendêssemos como tratar este Senhor.⁹¹ Tratar com Ele não é discutir teologia ou aplicar Escrituras⁹², valendo mais a “grosseria de um pastorzinho humilde que Ele vê que, se mais soubesse, mais diria do que dos muito sábios e eruditos, por mais elaborados os seus raciocínios [...]”.⁹³ A vida e a comunicação é que decidirão o trato, o moldarão e o farão flexível, atuando suas infinitas possibilidades⁹⁴, e, assim, “A alma deve, com grande humildade, falar-Lhe como a um pai, perder-Lhe como a um pai, contar seus sofrimentos e pedir alívio para eles, compreendendo que não é digna de ser Sua filha”.⁹⁵ E dirá mais: “Deixai, filhas, dessas humildades, tratando com Ele como com um pai, um irmão, um Senhor e um Esposo, às vezes de uma maneira e às vezes de outra; Ele vos ensinará como tendes de fazer para contentá-Lo”.⁹⁶

Vemos um trato jovial e audaz, que a própria santa muitas vezes denomina como “loucura” e “disparate”. Seu trato de amizade se desdobra espontaneamente, quase inevitavelmente, nas formas comuns da oração cristã: louvor, adoração, ação de graças, glorificação, em orações de fé, de amor, de esperança e de

⁸⁸ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,1,1.

⁸⁹ Id., Livro da Vida, 18,3.

⁹⁰ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 26,9.

⁹¹ Cf. Ibid., 22,7.

⁹² Cf. Id., Livro da Vida, 15,7-8.

⁹³ Id., Caminho de Perfeição, 22,4.

⁹⁴ Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 149-150.

⁹⁵ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 28,2.

⁹⁶ Ibid., 28,3.

desejos; sem omitir as mais humildes, de expiação, de petição e de oblação.⁹⁷ Sempre portadoras de grande dignidade, porque se trata de Deus que⁹⁸ “é tão amigo de seus amigos e tão senhor de seus servos”.⁹⁹

Prossigamos nos aproximando das consequências que o encontro com Deus traz para quem se dispõe a ter oração.

5.3.

A oração como “trato de amizade”: um encontro pessoal, transformante e dinâmico

5.3.1.

A oração como encontro pessoal

Na ótica de M. Herráiz García, o pensamento teresiano caracteriza a oração como encontro que se dá em três aspectos: pessoal, transformante e dinâmico. Como encontro pessoal, o autor destaca o amor como elemento essencial, uma vez que, rezar, para Teresa, é esse trato de amizade com Alguém que sabemos que muito nos ama. Pelo amor, a oração se põe ao alcance de todos, pois, mesmo que nem todos sejam hábeis para pensar, todos são capazes de amar.¹⁰⁰ Assim, vemos que existe como que uma capacitação natural para a oração. Esse entrelaçamento entre oração-amor, situa a atividade orante no coração. Esse encontro necessita da solidão para que o amor seja cultivado, mas, não se contenta com “tempos” e expande-se para o cotidiano, para o ordinário, para o estar permanentemente na presença do Amigo, a quem se confia toda a existência. Torna-se uma opção que afeta todo o ser. O autor nos lembrará que, quando acontece o encontro de pessoas, tudo adquire sentido, porém, quando não se dá, tudo se banaliza. Tal banalização explicará que o “praticante” da oração pode não chegar a ser um “orante”. Como vimos, Teresa destaca que, na oração-amizade, contam as pessoas.¹⁰¹

Em seu caminho de oração, de íntima amizade com Deus, santa Teresa não prescinde da Humanidade de Cristo, não tem uma imagem abstrata ou preconcebida, uma imagem que não coincida com a revelada. Ela parte da

⁹⁷ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 35,3-5.

⁹⁸ Cf. ALVAREZ, T., La oración, camino a Dios: el pensamiento de Santa Teresa, p. 150-152.

⁹⁹ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 35,2; Id., Livro da Vida, 37,5.

¹⁰⁰ Cf. Id., Fundações, 5,2.

¹⁰¹ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 41-46.

Sagrada Humanidade do Senhor, onde a divindade se manifestou e se revelou sendo fiel à Encarnação. Quando pensamos na amizade entre Deus e o ser humano, na doutrina teresiana, estamos nos referindo a pessoa diante de Jesus Cristo, imagem do Pai. Nele se dará toda a experiência orante de nossa santa doutora, mesmo a experiência trinitária. Dedicaremos o sexto capítulo de nossa pesquisa à Sagrada Humanidade de Cristo, porém, desde já enfatizamos que é nesta Sagrada Humanidade que se fundamenta a amizade entre Deus e o ser humano.

Será necessário aprender a conhecer-se e a conhecer o Outro, a conhecer-se no Outro, e, para isso, é fundamental querer estar com Ele. Se este querer acontece, a oração se dá, mesmo que em tempos de aridez. Teresa garante que o desejo de estar em oração, agrada a Deus.¹⁰² Neste processo, o “olhar” é algo importante na oração ensinada por santa Teresa. Palavra que define a atitude da pessoa posta em oração, envolve dinamismo, intensidade, alma. Ensina que é necessário chegar ao ato de orar, que é dar-se, encontrar-se com Deus, fazer-se presente a Ele ou dar-se conta de sua presença envolvente, olhando-O: “Não vos peço agora que penseis Nele nem que tireis muitos conceitos nem que façais grandes e delicadas considerações com vosso entendimento; peço-vos apenas que olheis para Ele”.¹⁰³ Esta atitude de “olhar” é a resposta da pessoa ao Deus que primeiro a olhou e amou. É tomar consciência de um Deus que vive atento ao ser humano, olhando-o.¹⁰⁴ Entrar em oração é ir entendendo Deus como aquele que nos busca, que deseja nossa companhia.¹⁰⁵

A premissa de que Deus se alegra com nossa oração não é uma fantasia para nos deixar mais serenos frente a nossa busca pela oração. Essa afirmação está pautada na realidade de que Deus nos ama e amando-nos se alegra no encontro conosco. A oração, como a amizade, é dar gosto ao outro. Agora, remetendo o olhar à nossa condição de pecado, podemos dizer que a oração pode nos trazer grande sofrimento, isto é, o sofrimento de quem se vê incapaz de amar Deus que tanto nos ama. É sofrer por Ele estar conosco e suportar sermos amados quando temos diante de nossos olhos, com dolorosa evidência, nossa indignidade, o

¹⁰² Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 2,1,3.

¹⁰³ Id., Caminho de Perfeição, 26,3.

¹⁰⁴ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 46-47.

¹⁰⁵ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 7,3,9.

quanto somos incapazes de responder com o mesmo amor.¹⁰⁶ Ele nos ama assim, em nossa precária condição de amar. Não nos ama apenas quando somos bons. Ele nos aceita, nos espera, nos aguarda. Sofrer a desigualdade desse amor é caminho de conversão ao amor. Estar com Ele do jeito que estamos é graça de sua misericórdia, que nos atrai e nos sustenta, mesmo na dor de não podermos amá-Lo:

Eu bem sabia que O amava, mas não compreendia, como iria entender, o que é amá-Lo verdadeiramente. [...] Para mim, a Sua piedade já fazia demais permitindo-me permanecer diante de Si e trazendo-me à Sua presença, pois eu via bem que, se Ele não me procurasse tanto, eu sozinha nunca o faria.¹⁰⁷

Contar com Deus, e não com nossas forças, é certeza de êxito no caminho da oração. No entanto, santa Teresa alerta que o início desse processo requer esforço e determinação. O orante precisará forçar-se a essa busca¹⁰⁸, mesmo que isso não lhe traga satisfação, que experimente mais o vazio que a plenitude. Será necessário recolher-se das dispersões cotidianas, das atrações do mundo exterior. O homem está acostumado a manter-se fora de si mesmo, desterrado de sua intimidade. Orar é entrar no “castelo interior”, o que não se dá sem resistências. Estar com Deus, olhá-Lo, entrar dentro de si para ir ao encontro dele, mesmo que com dificuldades, é o que realiza o conceito teresiano de oração.¹⁰⁹

Referimo-nos a um encontro que se dá na verdade e no amor. A oração é desveladora. Traz à tona a verdade interior de quem reza. É uma escola de verdades: a Verdade de Deus e a verdade da pessoa. Para Teresa a oração mental consiste em entender essas verdades¹¹⁰, que dizem sobre quem é Deus e quem é o ser humano. É o desvelamento das pessoas que se envolvem reciprocamente em amizade. A oração, porta de entrada para o castelo¹¹¹, é a porta para conhecer a Deus e conhecer a si mesmo. É o caminho da verdade pessoal de Deus e do homem. Orar é ver verdades¹¹², é onde o Senhor dá luz para entender as verdades¹¹³, o que terá um sentido mais amplo e profundo na oração mística.

¹⁰⁶ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 8,5.

¹⁰⁷ Ibid., 9,9.

¹⁰⁸ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 29,6.

¹⁰⁹ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 48-50.

¹¹⁰ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 22,8.

¹¹¹ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,1,7; 2,1,11.

¹¹² Cf. Id., Livro da Vida, 19,12.

¹¹³ Cf. Id., Fundações, 10,13.

Enfim, a oração é o encontro com Deus que é a própria Verdade¹¹⁴, fonte e sustento de todas as demais verdades¹¹⁵. Esse caminho na verdade de Deus e de nós mesmos, é obra de amor, é a amizade que realiza o desvelamento dos amigos.¹¹⁶

5.3.2. A oração como encontro transformante

Como vimos, o amor tem absoluta primazia na oração teresiana e por ser encontro de amor, a oração é encontro na verdade. Somente amando-nos, revelamos mutuamente a verdade que somos. Somente o amor, como aceitação e acolhida, doação e oferecimento, abre a porta da verdade pessoal. Sabemos que Teresa, ao contrário de muitos que alicerçam a oração no muito pensar, dirá que o muito amar¹¹⁷ é o que conta. Nesse processo, vale destacar que a oração é o movimento da pessoa até a Pessoa, em uma atenção amorosa ao Outro, concentrando a atenção no amor que esse Outro ofereceu fiel e antecipadamente. Orar é descobrir-se amado. Ao contemplar Deus que nos ama, abre-se para nós o caminho da oração, e, na medida que essa consciência aumenta, aceleram-se os passos. É um Amor seguro, permanente e sem precedentes. A oração é contemplar o Amor de Deus por nós; Amor que nos faz progredir, que nos faz desejar ter Deus como amigo. Rezar, colocando-se na presença de Cristo, é fazer memória agradecida de todo o bem que nos fez, de todo o amor que nos dispensou, pois, toda a sua vida está ordenada a convencer-nos do amor que nos tem¹¹⁸:

Quero concluir dizendo: sempre que pensarmos em Cristo, lembremo-nos do amor com que nos deu tantas graças e da grande prova que Deus nos dá disso ao nos conceder esse penhor do muito que nos ama; recordemo-nos de que o amor gera amor.¹¹⁹

Porque sabemos-nos amados, somos despertados para o amor. Saber-se amado desencadeia na pessoa dinamismos mais fortes e renovadores. Nasce o amor desinteressado e gratuito, que leva à oferta de si mesmo. Somente Deus, o Amigo, interessa. Cessam as exigências egoístas, a necessidade de contrapartidas

¹¹⁴ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 40,3.

¹¹⁵ Cf. Ibid., 40,3.

¹¹⁶ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 50-56.

¹¹⁷ Cf. SANTA TERESA, Fundações, 5,2.

¹¹⁸ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., op. cit., p. 56-58.

¹¹⁹ SANTA TERESA, Livro da Vida, 22,14.

frente à doação do amor. Quer-se apenas servir ao Rei¹²⁰, pois, já não somos nossos, mas seus¹²¹, deixando que Deus nos conduza por onde quiser¹²². Esse encontro transformante faz tudo empenhar para contentar ao Amigo e não mais a si próprio.¹²³

Nesta dinâmica de amor, não se pode contentar apenas com “fazer oração”. O coração arde em desejos de permanecer com o Amado, em se tornar orante, em estar em sua presença durante todos os momentos, sendo servos do amor,¹²⁴ determinados a servir a Deus.¹²⁵ Assim, como não se ama apenas em tempos específicos, também não se reza apenas em momentos reservados para a oração. A oração, que é a contemplação do Amor e que leva a amar, faz-se permanente na vida do orante,¹²⁶ sendo que a intensidade desse trato de amizade pedirá sempre o “tu a tu”, o estar a sós, a intimidade com o Amado Amigo. Será a oração quem trará a força para servir em tempo pleno ao Amigo.¹²⁷ Este é um amor transformante, que impulsiona o orante ao permanente crescimento rumo a Cristo.¹²⁸

A oração que não irrompe em vida se desacredita a si mesma. No entanto, deixar de rezar por não ver na própria vida os “resultados” esperados é apenas a indicação egoísta e soberba de quem cansou-se de esperar em Deus, de receber tudo quanto recebe¹²⁹, fechando as portas para o futuro que Deus prepara aos que se mantêm fiéis nessa busca. Deus espera sempre e não desiste de nenhuma de suas criaturas. Santa Teresa dirá que abandonar a oração pela falta de “resultados” é uma falsa humildade¹³⁰ e que, sobre nenhuma hipótese, se deve deixar de rezar: “Se para os que não O servem, mas O ofendem, a oração faz tão bem e é tão necessária, quem poderia objetar que não há maior dano para os que servem a Deus e O querem servir do que deixar de fazê-la?”¹³¹ Deixar a oração, é perder o

¹²⁰ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 15,11.

¹²¹ Cf. Ibid., 11,13.

¹²² Cf. Ibid., 11,13.

¹²³ Cf. Ibid., 11,11.

¹²⁴ Cf. Ibid., 11,1.

¹²⁵ Cf. Ibid., 11,9.

¹²⁶ Cf. Id., Fundações, 5,16.

¹²⁷ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 7, 4,14.

¹²⁸ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 58-61.

¹²⁹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 19,17.

¹³⁰ Cf. Ibid., 19,17.

¹³¹ Ibid., 8,8.

caminho¹³², é fechar a porta para Deus impedindo-O de entrar para dar-se e doar seus dons.¹³³ Não há redenção para quem não recebe a ação de Deus e desta carece quem não abre a porta da oração, ou seja, da amizade com o Senhor.¹³⁴

Pelo fato da oração perseverante acabar frutificando em vida, Teresa alerta para as investidas inimigas, que se personifica no demônio e que tudo fará para ver a alma perdida.¹³⁵ Diante das decepções com os desejados frutos que não vêm, ou por cair-se na conta de não conseguir amar e ser fiel ao amor de Deus, Teresa convoca à perseverança na oração, pois, mesmo nessas condições, Deus pode agir na vida de quem reza permitindo autênticos e transformantes encontros.¹³⁶ Tal perseverança também precisa ser suplicada, pois não nos vem por nossas forças, mas pela graça de Deus que age em nossos corações. Logo, nossas limitações não podem impedir o trato de amizade com Deus. Nele o ser humano se vê amado e agraciado e se experimenta vivamente chamado à fidelidade. A oração revela nossa falta de fortaleza¹³⁷ para levar adiante as promessas feitas a Deus. Vemos que na vida cotidiana faltamos com nossa fidelidade em ama-Lo e servi-Lo, porém, aqui está mais uma vez o desafio à humildade de esperar no Senhor que virá em nosso socorro, abdicando da soberba atitude de afastar-se de Deus por conta de nossas debilidades.

Se houver oração, haverá mudança. Onde há amizade, ali se opera e desenvolve uma conversão, porém, não é algo instantâneo e nem quantificável. O bom orante, paciente e esperançoso, seguirá fiel à oração e sofrerá com humildade e temperança as incongruências de sua própria vida, já que, receber o amor sempre foi a maior urgência para viver o amor. Receber é o único caminho para saber-se chamado a dar e capacitado para fazê-lo. Em Teresa, a oração é o Amor que desperta para o amor e que fortalece para vivê-lo. A oração irrompe em virtudes e obras, introduz o amor na pessoa como forma e condição pela qual se assemelhe e conforme a Deus. O amor ganha a pessoa, trazendo-lhe um estilo de vida, uma maneira de ser que se projeta em toda a sua existência.¹³⁸

¹³² Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 19,13.

¹³³ Cf. Ibid., 8,9.

¹³⁴ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 61-64.

¹³⁵ Cf. SANTA TERESA, op. cit., 19,5.

¹³⁶ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 4,3,9.

¹³⁷ Cf. Id., Livro da Vida, 7,19.

¹³⁸ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., op. cit., p. 64-67.

A presença do Amigo faz com que a vida rompa com as cadeias do egoísmo e que a pusilanimidade ceda espaço à coragem. É uma amizade que conformará os amigos¹³⁹, até que sejamos para o Amigo o que Ele já é para nós. A oração tem sua finalidade em si mesma, isto é, ser amigo de Deus. A centralidade da oração está na relação que Deus estabelece com o ser humano.¹⁴⁰ Ela define existencialmente a pessoa como ser religado a Deus, no exercício de amor receptivo-oblativo e na comunhão. Nada se aproxima de Deus e permanece da mesma maneira. A transformação suprema acontecerá no matrimônio espiritual, onde o trato de amizade é comunicação e comunhão “de espírito a espírito”. Teresa defende a tese de que a oração é uma força transformadora da pessoa e esta transformação corresponde a “conformar” a nossa condição com a de Deus, num processo gradual e dinâmico, inteiramente dependente do Outro. Uma transformação desde a raiz, uma criação profunda do ser, expressa em termos de amor receptivo e que, por isso, se converte em amor oblativo, de presença e resposta. A centralidade da transformação está no novo estilo de ser que vai iluminando e abrindo-se até o momento culminante do encontro das “condições”, sendo então Cristo a viver no orante¹⁴¹:

Daqui por diante, é um novo livro, isto é, uma vida nova. A que levei até aqui era minha; a que passei a viver depois que comecei a falar dessas coisas de oração é a que Deus vive em mim. Porque entendo que era impossível sair por mim mesma em tão pouco tempo de costumes e ações tão maus. Louvado seja o Senhor, que me livrou de mim mesma.¹⁴²

Em Deus está a fortaleza para amar, para servir e para viver; a fortaleza para nossas fraquezas, para poder imitar-Lhe até nos grandes sofrimentos.¹⁴³ Da amizade com Deus nasce um ser renovado que está a um passo do Amor. Querer ser amigo de Deus é decidir livremente que Ele nos guie por onde quiser, é ter a decidida vontade de perder-se a si mesmo para encontrar-se em uma única determinação: ajudar a Cristo a carregar sua Cruz sem exigir nada em troca.¹⁴⁴ Aqui está o núcleo da renovação do ser: amor, humildade e liberdade. São os

¹³⁹ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 22,7.

¹⁴⁰ A respeito deste tema sugerimos: TENACE, M. L'integrazione nello Spirito: la bellezza come unità spirituale. In: CENTRO ALETTI. A partire dalla persona: una teologia per la nuova evangelizzazione. Roma: Lipa, 1994. p. 71-103.

¹⁴¹ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 67-71.

¹⁴² SANTA TERESA, Livro da Vida, 23,1.

¹⁴³ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,4,4.

¹⁴⁴ Cf. Id., Livro da Vida, 11,11.

traços do “homem novo”, a condição da pessoa orante que Teresa viu nascer nela mesma. Toda oração é transformante quando realiza o conceito de oração-amizade.¹⁴⁵ Teresa dirá que essa transformação deve ser evidente na vida de quem reza, “[...] é nos efeitos e obras posteriores que se conhecem essas verdades da oração, pois eles são o melhor crisol para prová-las”.¹⁴⁶ Não se empenhar nesse caminho, deixando de pedir que a graça venha em socorro de nossa incapacidade de acolher o amor e amar, é condenar-se a aniquilação espiritual: “Repito que, para que o façais, não deveis assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar. Com efeito, se não buscardes virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs”.¹⁴⁷

O essencial não está no gozo que a oração nos possibilita, mas, na ressonância que concretamente tem na vida. Teresa diz que essa ressonância, esse amor que se realiza em gestos cotidianos, não deve ser a resposta imediata ao prazer do amor humano. Já não faço o bem a quem quero retribuir por um vínculo afetivo ou obra, mas, todo o gesto de amor para com o próximo é a expressão de Amor para com o Amigo que nos impulsiona a sairmos de nós mesmos. É necessário amar os amigos do Amigo.¹⁴⁸ Quando a vida não se transforma em caridade, é sinal de que a oração entrou em um caminho morto de egoísmo. A alma que se encontra em Deus, pouco se centra em si mesma, dedica-se em contentar a Deus, em agradar ao Amigo, escolhendo que seja Ele o centro de toda a sua vida, seja nos momentos de intimidade orante, seja no ordinário de suas ações. Aproveitará de todos os momentos para mostrar-Lhe seu amor. Isto é oração: fazer nascer obras, sempre obras.¹⁴⁹ Profunda conhecedora da alma humana, das misérias que impedem de brilhar a luz divina em nossas vidas, nossa mestra de oração, traz alento e encorajamento para os que se dispõem a serem Amigos de Deus. Ouçamos santa Teresa:

Essa é a verdadeira prova de ser coisa e graça concebida por Deus, como já vos disse. Pouco me benefício ficando a sós, muito recolhida, a fazer atos de virtude e afeto a Nosso Senhor, propondo e prometendo fazer maravilhas por Seu serviço, se, ao sair dali e se se oferece ocasião, faço tudo ao contrário. Não me expresso bem dizendo que pouco me benefício, pois tudo o que se faz, caso se esteja com Deus, é bom. Embora sejamos fracos em cumprir as nossas determinações,

¹⁴⁵ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 71-74.

¹⁴⁶ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 4,2,8.

¹⁴⁷ Ibid., 7,4,9.

¹⁴⁸ Cf. Ibid., 5,3,11-12.

¹⁴⁹ Cf. Ibid., 7,4,6.

algumas vezes Sua Majestade nos dará graça para realizá-las, até mesmo contra a nossa vontade, como acontece amiúde. Vendo uma alma muito acovardada, o Senhor dá-lhe um enorme sofrimento que ela não desejaria receber, fazendo-a sair com lucro dessa situação. Daí em diante, percebendo isso, a alma vai perdendo o medo de se oferecer mais a Ele. Eu quis dizer que o benefício é pequeno em comparação com a grande coisa que é harmonizar as obras com os atos e as palavras. Quem não conseguir fazer tudo de uma vez deve fazê-lo pouco a pouco. Vá dominando a sua vontade, se quer tirar proveito da oração. Dentro destes recantos não faltarão muitas ocasiões para vos exercitardes.¹⁵⁰

A melhor oração será a que mais transforme a vida, mesmo que essa transformação se dê paulatinamente e meio ao sofrimento.

5.3.3. A oração como encontro dinâmico

Este é o critério básico para um bom discernimento sobre a oração: o acento está sobre a vida.¹⁵¹ Teresa dirá: “[...] deve-se olhar as virtudes e ter por mais santa aquela que serve a Nosso Senhor com mais mortificação, humildade e pureza de consciência”.¹⁵² A oração é doação de Deus e acolhida-resposta da pessoa. Não há uma vida verdadeiramente rica sem a oração autêntica. Para Teresa é impensável uma vida de amor sem um encontro com o Amor:

Não há “vida” que não proceda da Vida. E, por isso, justamente, quando há Vida, esta irrompe na consciência do sujeito como exigência de oração solitária, de encontro amoroso com quem é a razão do próprio viver. O amor não cria divisões e enfrentamentos, mas, gera unidade e harmonia. Não exige atitudes contrapostas e excludentes [...]. É um amor que sempre se supera e rompe em expressões testemunhadoras de sua existência.¹⁵³

Este amor, expresso na vida, é fruto da amizade com Deus, que tem ainda uma outra característica: é uma amizade dinâmica. Assim, como reconhecemos o início de uma amizade e temos dificuldade para entrever seu final, a vida de oração é dinâmica e evolutiva, não tendo um tempo determinado ou uma garantia de estabilidade, ela está sempre aberta:

A oração é uma realidade viva. Em processo permanente, evolutivo. Não é uma coisa que se conquista. Ou uma meta que se alcança e “termina” o movimento do

¹⁵⁰ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,7.

¹⁵¹ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 75-77.

¹⁵² SANTA TERESA, op. cit., 6,8,10.

¹⁵³ HERRÁIZ GARCÍA, M., op. cit., p. 78. [TN].

homem para consegui-la. A oração é vida, movimento. E, por certo, em aceleração progressiva. O dinamismo é uma nota essencial da oração.¹⁵⁴

O dinamismo da oração em Teresa, corresponde aos graus de oração, à história e realização concreta da amizade. Dinamismo e progresso acontecem na medida em que se desenvolve o amor. A pessoa que está exilada e desterrada fora de si¹⁵⁵, é chamada a adentrar, pela oração¹⁵⁶, em seu castelo interior, local onde Deus fez sua morada, onde vive e atua para atrair sua criatura. Deus quer comunicar-se e aí espera para alegrar-se com a alma em grandíssimo silêncio.¹⁵⁷ O ser humano, atraído por Deus, entra pela porta da oração em seu interior e os distintos níveis alcançados neste trato são os distintos graus de oração, ou seja, a história viva da amizade.¹⁵⁸

A oração é cada vez mais perfeita na medida em que o ser humano intensifica a profundidade de sua escuta e de sua fala com Deus. O crescimento da intimidade com que se realiza esse encontro de amizade é a medida do progresso na oração. A oração será mais verdadeira quanto mais profundamente a pessoa se abre ao Amigo. Os graus de oração não se distinguem por seus protagonistas, que serão sempre os mesmos, Deus e o ser humano, e nem ao menos pelo vínculo que os une, o amor. O que diferencia e distancia, por exemplo, o orante das primeiras moradas para o das sétimas moradas, é o nível desde onde a pessoa acolhe a Deus e se oferece a Ele, de onde escuta e se pronuncia, é a interioridade, a verdade em que vive o encontro. Na medida em que se dá esse progresso, o ser humano deixa de estar tão submetido a seus sentidos para estar mais completa e unitariamente com Deus. Aqui cessam as dores que sofre quando tem sua morada mais próxima ao mundo dos sentidos.¹⁵⁹

O dinamismo da oração vem de uma ação mais forte de Deus, vivida em níveis mais profundos da consciência da pessoa. Nesta perspectiva, podemos dizer que, acontece uma simplificação no processo de oração, já que, toda a amizade que se interioriza e cresce, é uma amizade que se simplifica. Olhando para os que se encontram nas primeiras moradas, Teresa dirá das dificuldades que esses têm para se colocar em oração, da dificuldade em ouvir, falar e silenciar. Trata-se de

¹⁵⁴ HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 79. [TN].

¹⁵⁵ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 2,1,9.

¹⁵⁶ Cf. Ibid., 1,1,7.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., 7,3,11.

¹⁵⁸ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., op. cit., p. 81.

¹⁵⁹ Cf. Ibid., p. 81-82.

um tempo de muitas iniciativas e de poucos frutos. Na medida em que acontece essa progressiva simplificação da oração, temos menos atos e mais ‘retornos’, menos palavras e mais silêncio. Como dois íntimos amigos, as palavras e até mesmo os gestos são dispensáveis. O simples olhar é suficiente para que haja o encontro e o profundo entendimento¹⁶⁰:

[...] parece que o Senhor quer de todo modo que a alma saiba algo do que se passa no céu; tenho a impressão de que, assim como lá é possível compreender sem que ninguém fale [...], assim também aqui Deus se entende com a alma, bastando que Sua Majestade o deseje; não são usados artifícios para que se compreenda o amor que une esses dois amigos. É como o que acontece no mundo quando duas pessoas têm um grande amor mútuo e se entendem muito bem sem nem precisar de sinais, sendo suficiente que olhem uma para a outra. Creio que assim ocorre nesta maneira de entender, porque, sem que percebamos, estes dois amantes se olham, face a face [...].¹⁶¹

Trata-se de um profundo silêncio, graça que vem de Deus e que a pessoa acolhe. Silêncio que comunica mais que “mil palavras”. O protagonismo será gradativamente de Deus e visivelmente Ele vai assumindo o papel principal, decisivo e configurante da relação de amizade com a pessoa. Não podemos reduzir a oração a um ato do ser humano, onde Deus é tido como Pai, porém, como expectador. A oração não é obra da pessoa, é obra de Deus. Deus é ação e presença viva, fora do qual a oração não pode existir. A evolução da oração vai evidenciando essa realidade: Deus age e o ser humano sofre a ação de Deus. A intensidade da ação de Deus é que qualifica a transformação da pessoa, inclusive sua transformação moral.¹⁶²

Na sequência tocaremos de forma mais detalhada no progresso da vida de oração a partir do estudo dos graus de oração em santa Teresa.

5.4.

Os graus de oração em santa Teresa de Jesus: níveis de amizade e vida

5.4.1.

Os graus de oração nos escritos teresianos

¹⁶⁰ Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., La oración historia de amistad, p. 82-83.

¹⁶¹ SANTA TERESA, Livro da Vida, 27,10.

¹⁶² Cf. HERRÁIZ GARCÍA, M., op. cit., p. 84-86.

Em santa Teresa, os graus de oração apontam para um crescimento no encontro do ser humano com Deus e para os diversos modos de articular a oração. A qualidade da oração se vê pela vida do orante, e vice-versa. A melhor oração é a que deixa os melhores efeitos.¹⁶³ Para compreendermos os graus da oração teresiana, é indispensável levar em conta que a oração é um trato de amizade, um encontro entre dois amigos, Deus e o homem¹⁶⁴. Deus sempre precederá esse encontro, abrindo espaço para que venha, em contrapartida, a abertura do ser humano. Essa interação é que prepara novamente a ação misteriosa de Deus, de modo que, também no segundo momento, a parte que cabe ao orante seja permeada da presença e da ação de Deus. Sendo a oração uma forma de vida, é comum que esta se desenvolva e não fique bloqueada e tão pouco regrida¹⁶⁵: “Tenho por impossível que o amor, se o houver, se contente em limitar-se a um ser”¹⁶⁶, pois, “o amor não é ocioso”.¹⁶⁷

Neste ponto, aparecem os graus de oração como níveis de amizade e de vida. Teresa irá distinguir entre os graus que dependem da pessoa, isto é, a oração ascética, e, os graus superiores que derivam da misteriosa iniciativa do Amigo divino, ou seja, os graus místicos. Segundo T. Alvarez, santa Teresa apresenta os graus de oração em diversos momentos, porém, esquematicamente o autor evidencia-os no *Livro da Vida*, nos capítulos 11 ao 21, no ano de 1565, em que Teresa os aborda a partir da própria experiência autobiográfica; em *Caminho de Perfeição*, capítulo 22 e seguintes, entre 1566/1567, quando os propõe como intento pedagógico para uma comunidade de jovens contemplativas; em *Relações* 5, no ano de 1576, quando irá enumerá-los sob o pedido de um teólogo consultor da inquisição de Sevilla; e por fim, em 1577, em *Castelo Interior ou Moradas*, quando o faz a fim de uma codificação da vida espiritual no seu pleno desenvolvimento.¹⁶⁸

No *Livro da Vida*, Teresa nos apresenta quatro graus de oração, por meio dos quais o Senhor fez passar sua alma.¹⁶⁹ Neste relato introduz o símbolo do jardim e da irrigação. O jardim é a alma, o Dono do jardim é o Senhor e a

¹⁶³ Cf. SANTA TERESA, Cartas a Jerônimo Gracián, 23/10/1576, 85,4.

¹⁶⁴ Cf. Id., Livro da Vida, 5,8.

¹⁶⁵ Cf. ALVAREZ, T., Gradi di orazione, p. 302-303.

¹⁶⁶ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,1.

¹⁶⁷ Ibid., 5,4,10.

¹⁶⁸ Cf. ALVAREZ, T., loc. cit.

¹⁶⁹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 11,8.

irrigação é a oração. Mostra diversos modos de irrigar esse jardim, sendo que alguns se devem ao jardineiro, ou seja, ao orante, o que corresponde ao primeiro grau de oração; e outras formas de irrigação dependem do Dono Supremo do jardim, o que corresponde ao segundo, terceiro e quarto graus.

No primeiro grau¹⁷⁰, apresenta a oração ascética, que pode ser a simples meditação da Palavra ou dos mistérios do Senhor e que deve progredir numa forma de atenção amorosa e silenciosa. No segundo grau¹⁷¹, acontece esporadicamente a oração mística, o que chama de oração de quietude e consiste em um repouso passivo e amoroso da vontade, fascinada pelo mistério divino. Estamos diante de um novo modo de relacionar-se com o Amigo. Já o terceiro grau¹⁷² trata de várias maneiras fortes de oração, como a pré-extática, o sono das potências, resultado de uma intensa infusão de amor na vontade. Por fim, o quarto grau¹⁷³, trata da união mística¹⁷⁴, que recolhe todas as atividades da mente e as une ao interlocutor divino. Nesse grau se manifestam os fenômenos místicos¹⁷⁵ como o êxtase, o voo do espírito, os incontidos ímpetos de amor e as feridas de amor¹⁷⁶. Os graus podem ser medidos de acordo com os efeitos na vida do orante, com a experiência que adquire com o Amigo divino e seu mistério.¹⁷⁷

Brevemente olhemos como Teresa apresenta os graus de oração em *Caminho de Perfeição*. De antemão, podemos dizer que se trata de uma exposição pedagógica, já que todo o livro é voltado para a formação das jovens religiosas de seu primeiro Carmelo. Fará nele uma apresentação sistemática da vida de oração em três momentos: oração vocal, oração mental e contemplação. No entanto, na

¹⁷⁰ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 11-13.

¹⁷¹ Cf. Ibid., 14-15.

¹⁷² Cf. Ibid., 16-17.

¹⁷³ Cf. Ibid., 17-21.29.

¹⁷⁴ Cf. Ibid., 18,1.

¹⁷⁵ Devido ao objetivo de nossa pesquisa optamos por não adentrar no estudo da fenomenologia mística e seu viés psicológico a partir das experiências de santa Teresa de Jesus. No entanto, em perspectiva teológica, os fenômenos místicos teresianos serão tratados ao longo de nosso trabalho e indicamos a seguinte bibliografia para um maior aprofundamento: ALVAREZ, T. Fenomeni mistici. In: ALVAREZ, T. Dizionario di Santa Teresa. Roma: OCD, 2016. p. 265-267. CONRADO DE S. JOSÉ. La bilocación de Santa Teresa. MenST, n. 9. p. 304-309, 1934. GABRIEL DE SAINTE-MARIE MADELEINE. Visions et révélations chez Sainte Thérèse d'Avila. EtCarm, n. 23/II. p. 190-200, 1938. KAUFMANN, C. Fenomeni mistici. In: BOAGA, E.; BORRIELLO, L. Dizionario Carmelitano. Roma: Città Nuova, 2008. De maneira ampla indicamos a obra em quatro volumes de Garrigou-Lagrange a respeito da vida interior em especial o volume 4: LAGRANGE, G. Le tre età della vita interiore: la via unitiva dei perfetti; le grazie straordinarie, v. 4. Roma: Viverein, 2016.

¹⁷⁶ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, c. 29.

¹⁷⁷ Cf. ALVAREZ, T., Gradi di orazione, p. 303-304.

vida de oração as coisas podem não acontecer nessa ordem. O orante em plena oração vocal pode chegar a autênticos momentos de contemplação. No capítulo 22 tratará da oração vocal, com ênfase especial na oração do Pai Nosso. Seguindo para a oração mental, que aproxima o orante sempre mais da Humanidade de Jesus, convidando-o a aprender a olhá-Lo, escutar suas palavras, tomar para si os seus sentimentos, silenciar diante dele. Entre os capítulos 26 e 28 falará do iniciar-se ao recolhimento, ou seja, interiorizar a oração, aprender a silenciar os sentidos exteriores, celebrar profundamente a eucaristia e, portanto, dispor a alma a possíveis formas de oração contemplativa infusa.¹⁷⁸ No entanto, nossa mestra, alerta: “[...] não é porque nesta casa todas estão voltadas para a oração que todas haverão de ser contemplativas [...]”.¹⁷⁹

Ao escrever *Relações 5*, Teresa está sob o inquérito da inquisição, que havia sequestrado seu *Livro da Vida*. Em especial, ao ser interrogada sobre a oração, tratará sobre os graus místicos, que é o que de fato interessava ao teólogo que a interrogava. Teresa propõe o ingresso na experiência da misteriosa presença de Deus¹⁸⁰, recolhimento infuso da mente¹⁸¹, quietude e paz da vontade¹⁸², o sono das potências¹⁸³, os êxtases e os sequestros com a suspensão de todas as potências¹⁸⁴, o voo do espírito¹⁸⁵, os ímpetos de amor¹⁸⁶ e as feridas de amor¹⁸⁷.

*Castelo Interior ou Moradas*¹⁸⁸ será o local onde santa Teresa desenvolverá, a seu modo, o processo da vida espiritual, partindo do fato que a pessoa tem uma alma capacitada do divino (primeiras moradas) até a plenitude da graça e do serviço aos outros (sétimas moradas). O processo está dividido em sete etapas, em que apresenta os graus de oração: três graus de oração ascética inicial, que vai das primeiras às terceiras moradas; outros três de oração absolutamente mística,

¹⁷⁸ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 29,8.

¹⁷⁹ Ibid., 17,2.

¹⁸⁰ Cf. Id., As Relações, 5,2.

¹⁸¹ Cf. Ibid., 5,3.

¹⁸² Cf. Ibid., 5,4.

¹⁸³ Cf. Ibid., 5,5.

¹⁸⁴ Cf. Ibid., 5,7-10.

¹⁸⁵ Cf. Ibid., 5,11-12.

¹⁸⁶ Cf. Ibid., 5,13.

¹⁸⁷ Cf. Ibid., 5,17-18.

¹⁸⁸ Para maior aprofundamento da distinção entre os graus de oração nos escritos teresianos podemos consultar: ARRONDO, A. M. El itinerario espiritual en el Castillo Interior. In: FERMÍN, F. J. S.; LONDONÓ, R. C. (Dir.). CONGRESO MUNDIAL TERESIANO EN EL V CENTENARIO DE SU NACIMIENTO (1515-2015), v. 5. 2015, Ávila. Actas del congreso mundial teresiano en el V centenario de su nacimiento (1515-2015). Las Moradas del Castillo Interior de Santa Teresa de Jesús. Burgos: Monte Carmelo; Ávila: CITEs, 2014. p. 223-239.

desenvolvidos das quintas às sétimas moradas; com um grau de transição nas quartas moradas.¹⁸⁹

De maneira sistemática podemos dizer que no primeiro grau, ou primeiras mansões, a oração é elementar. É a realidade dos que se encontram imersos no que é exterior e em desordem interior, e, por isso, o encontro com Deus será como o de um surdo-mudo. As segundas moradas, começo da autêntica oração de meditação, está baseada na nascente sensibilização nos confrontos das palavras e das coisas de Deus, e do encontro com Ele. É como o surdo-mudo que começa a ouvir. Nas terceiras moradas entra-se na normalização da meditação e em uma certa estabilidade da vida espiritual. No quarto grau, ou quartas moradas, temos a simplificação e estabilidade na meditação com intervalos de “quietude infusa da vontade”. Quando o orante chega as quintas moradas, começa a ter oração de união, que corresponde a estados mais ou menos prolongados de união com Cristo, com a sua presença, com os seus mistérios. Aqui ocorre a mudança no sujeito, isto é, mudança psicológica, no seu encontro com Deus, no seu trato de amor com os outros. O sexto grau, que corresponde as sextas moradas, é o período de oração estática, rica de graças místicas de todos os gêneros. Por fim, o sétimo grau, diz respeito à oração de união plena. Trata-se de uma oração em inteira conformidade com a vontade de Deus. É uma misteriosa união com Ele, caracterizada pela experiência da inabitação trinitária¹⁹⁰, da experiência sponsal com Cristo¹⁹¹, da especial maturidade da oração e da sua mudança de atitudes psicológicas e teológicas¹⁹², e da total disponibilidade ao serviço dos outros¹⁹³, na plena configuração a Jesus.¹⁹⁴

5.4.2.

Da ascética à mística em *Castelo Interior ou Moradas*

A oração como exercício essencial da vida espiritual deve progredir com a meta de chegar a perfeição. Mantendo o trato de amizade com Deus como elemento essencial da oração, julga-se a perfeição pela qualidade desse trato de amizade, ou seja, pela qualidade da atividade do amor sobrenatural e seus efeitos

¹⁸⁹ Cf. ALVAREZ, T., Gradi di orazione, p. 305.

¹⁹⁰ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7, c. 1.

¹⁹¹ Cf. Ibid., 7, c. 2.

¹⁹² Cf. Ibid., 7, c. 7.

¹⁹³ Cf. Ibid., 7, c. 4.

¹⁹⁴ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 305.

de virtudes e união. No *Livro da Vida*, como vimos, Teresa compara os quatro graus de oração com o processo indispensável de regar um jardim para que esse não pereça. No entanto, seguindo o beato Maria-Eugênio, entendemos que a maturação da santa, sob esse aspecto de sua doutrina, encontra-se em *Castelo Interior ou Moradas*, quando a própria Teresa se encontra na plenitude de sua graça e de sua experiência. O autor apresenta os graus de oração em Teresa, distinguindo-os em duas fases no seu desenvolvimento. Na primeira, Deus manifesta o seu amor por meio da graça ordinária concedida a alma. Nesta fase, é a alma que mantém a iniciativa e a parte principal da atividade da oração. Na segunda fase, Deus intervém na oração por meio de um auxílio particular, afirmando progressivamente seu Senhorio sobre a alma e a reduzindo gradativamente à passividade. A primeira fase, que no *Livro da Vida* corresponde ao primeiro modo de regar o jardim, em *Castelo Interior ou Moradas*, diz respeito às três primeiras moradas do Castelo Interior. A segunda fase, que corresponde às outras três maneiras de regar o jardim, refere-se às quatro últimas moradas.¹⁹⁵ No que diz respeito ao progresso da oração, Frei Maria-Eugênio, assim nos fala:

Ao considerar a classificação dada pelo Livro da Vida, poderíamos acreditar que o progresso da oração se fundava na intensidade dos efeitos sensíveis e na diminuição do esforço da alma. Estudando o Castelo Interior, percebe-se nitidamente que Santa Teresa não considerou senão a qualidade do amor e a excelência dos efeitos produzidos. Ela diz que uma oração é mais elevada quando animada por um amor divino mais qualificado, e que a qualidade deste amor se afirma por uma maior eficácia sobre as atividades humanas que ele deve regular e submeter a Deus que habita a alma. A oração será perfeita quando, na alma transformada pelo amor, todas as energias estiverem constantemente fortes e dóceis, à disposição das delicadas moções do Espírito de Deus.¹⁹⁶

Adentrando nosso castelo interior, logo nas três primeiras moradas, encontramos o essencial para a vida cristã: o encontro com Cristo, a oração vocal e de meditação e o crescimento nas virtudes, nos mandamentos e na práxis. Da oração de recolhimento, abrem-se as graças sobrenaturais, que constituem uma nova etapa no caminho de oração. Teresa, que busca a Deus, se depara com a manifestação do próprio Deus que toma a “palavra” nesse trato de amizade, conduzindo o orante que vai à oração de quietude, que cresce nas virtudes e nas formas mais profundas e sensíveis de amor ao próximo. A comunicação entre

¹⁹⁵ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 108.

¹⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 109.

Deus e o ser humano revela uma relação entre pessoas, distintas, porém, não distantes, através da Humanidade de Cristo. Deus sempre tem a iniciativa e toda a relação se mantém na graça e com a colaboração da pessoa, até que, na segunda fase desse trato de amizade, a graça invade todo o humano.¹⁹⁷

Vemos que nas primeiras moradas, ou graus de oração, Deus chama o ser humano a uma comunicação de amizade e amor, que exige determinação firme, conhecimento mútuo e grande esforço. Ele respeitará as etapas de crescimento e estas serão a base imprescindível as quais sempre se deverá voltar e nunca duvidar. Na segunda etapa desse processo de crescimento na oração, o que chamamos místico, o crescimento nos efeitos da oração se dá com um menor esforço do orante. São as moradas onde o amor começa a desenvolver-se e a maior parte da relação quem conduz é o Senhor. Desde as quartas moradas, encontramos um desenvolvimento das três primeiras, quando já nasceu o amor.¹⁹⁸ É importante lembrar que as moradas não consistem em um esquema fechado. Santa Teresa dirá:

Não deveis imaginar essas moradas uma após outra, como coisa alinhada; deveis, isto sim, pôr os olhos no centro, que é o aposento ou palácio onde está o Rei, e considerá-lo como um palmito, que tem muitas coberturas que cercam tudo o que é saboroso, aquilo que se destina a comer. O mesmo acontece aqui: ao redor desse aposento, há muitos outros e também por cima. Porque as coisas da alma sempre devem ser consideradas com plenitude, amplidão e grandeza, sem receio de exagerar. [...] Que ande por essas moradas, em cima, embaixo, dos lados, pois Deus lhe deu essa grandíssima dignidade.¹⁹⁹

Teresa busca um centro de grande riqueza, rodeado de coisas saborosas, que são as diferentes moradas. É uma imagem circular, com ampla liberdade para passear pelo castelo. O progresso na oração necessita que passemos de uma a outra morada, com o olhar posto no centro, no prêmio desejado: “[...] procuremos sempre avançar [...], já que não é possível que, tendo a alma chegado a tanto, deixe de ir crescendo”.²⁰⁰ Com relação às últimas moradas, mesmo que não possamos viver nelas, podem ser visitadas e inclusive vividas de algum modo, condicionando o processo desde o começo, com um feito de chamamento. Todas

¹⁹⁷ Cf. MAS ARRONDO, A., *El itinerario espiritual en el Castillo Interior*, p. 231.

¹⁹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 232-233.

¹⁹⁹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 1,2,8.

²⁰⁰ *Ibid.*, 5,4,10.

as moradas devem ser vividas sempre com maior profundidade, mas as primeiras guardam a memória do essencial da vida cristã que vai alçando voo nas místicas.

5.4.3.

A contemplação mística em *Castelo Interior ou Moradas*

Diante dos graus da oração teresiana, prosseguimos aprofundando o que diz respeito à contemplação mística ensinada por santa Teresa. Sabemos que, por longo tempo, mística e teologia se distanciaram, numa tendência condenatória à mística como alienação cristã. No entanto, com Teresa aprendemos que o último grau de oração, ou seja, o matrimônio espiritual, a plena união com Deus, é perceptível na vida do orante, a partir de seu testemunho concreto de amor a Deus e ao próximo. A santa de Ávila nos dirá que é necessário “amar os amigos do Amigo” e que “tudo se torna motivo de oração”.

No entanto, esse progresso espiritual dá-se no ser humano pela graça de Deus, em seu tempo, segundo seus desígnios, o que não dispensa o orante de galgar os caminhos que lhe são alcançáveis, dentro dessa mesma graça divina que lhe desperta para a perfeição cristã, alimentado pela oração, mesmo que árdua e exigente. Sabemos que santa Teresa é uma contemplativa mística e que aí encontrou sua alta profissão espiritual, forma e cânone de sua santidade. Foi através da contemplação que fluiu para sua alma o manancial das graças que a fizeram a santa na estatura e linhagem que conhecemos.²⁰¹ A vida de santa Teresa constitui uma importante prova de que a mística não pode ser acusada de alienação cristã. O conteúdo sobrenatural de sua contemplação, passa a ser o conteúdo de sua vida e o percurso íntimo de sua santidade. Esse conteúdo é o peso sobrenatural de seu ser teológico, o que permite interpretar seu sentido e valor na Igreja.

Teresa não possuía grandes conhecimentos a respeito do que era a alma, porém, em dado momento de seu percurso, rasgos de luz sobrenatural começaram a derramar-se sobre seu interior, permitindo-lhe contemplar-se. Paulatina e progressivamente sua contemplação permite que se descubra até o mais profundo de seu ser. Santa Teresa verá na alma o manancial do sobrenatural que é o ponto

²⁰¹ ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III: doctrina espiritual*, p. 103. [TN].

de aplicação e comunicação da ação de Deus ao ser natural.²⁰² Teresa vê que é Deus quem dá vida à alma, quem sustenta toda a “população do Castelo”. Então, “[...] se entende com clareza que há no interior da alma Alguém que lança essas setas e dá vida a essa vida. Um sol de onde provém uma grande luz, enviada no interior da alma [...]”.²⁰³ Compreende que deste centro Deus dá ser ao nosso ser, vida à nossa vida e mérito às nossas obras.²⁰⁴

De acordo com T. Alvarez, podemos dizer que Cristo foi a primeira realidade sobrenatural que Teresa teve consciência de alcançar com seus olhos. Foi Ele a ponte de acesso e a porta de entrada no novo mundo do transcendente sobrenatural. Os méritos de Cristo são comunicados à sua alma como dons pessoais ou bens sobrenaturais transferidos do Senhor para ela:

Disse-me o Senhor: “Já sabes o desposório que há entre ti e Mim e, havendo isso, o que Eu tenho é teu, e assim te dou todos os sofrimentos e dores que passei; com isso, podes pedir a Meu Pai como se fossem coisas próprias tuas”. Embora eu tenha ouvido dizer que somos participantes disso, agora passei a ver a coisa de outra maneira, parecendo-me que fiquei com grande domínio, porque a amizade com que Sua Majestade me fez esse favor não pode ser descrita aqui. Tive a impressão de que o Pai o admitia, e desde então olho de modo muito diferente o que o Senhor padeceu – como coisa própria –, o que me dá grande alívio.²⁰⁵

Castelo Interior ou Moradas nos proporciona não apenas o relato que vimos acima, mas, uma formulação mais doutrinal e universal, da participação de Teresa na missão redentora de Cristo:

Talvez o Senhor lhe responda como o fez a uma pessoa que, diante de um crucifixo, se afligia muito pensando que nunca tinha tido nada para oferecer a Deus, nem o que deixar por Ele. Disse-lhe o próprio Crucificado, consolando-a, que lhe dava todas as dores e sofrimentos que padecera em Sua Paixão; que ela os tivesse como seus para oferecê-los a Seu Pai. Ficou aquela alma tão consolada e tão enriquecida que, segundo o ouvi dela própria, nunca esqueceu essas palavras; pelo contrário, sempre que se vê tão miserável, lembra-se delas e fica animada e consolada.²⁰⁶

Segundo santa Teresa, todas as graças, inclusive as mais altas infusões místicas, vêm de Cristo.²⁰⁷ Como resultado desta profunda experiência salvífica, Teresa une três elementos: a fé, os méritos de Cristo e as nossas obras. Do

²⁰² Cf. ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III: doctrina espiritual*, p. 119-120.

²⁰³ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,2,6.

²⁰⁴ Cf. *Ibid.*, 1,2 (título).

²⁰⁵ *Id.*, *As Relações*, 51.

²⁰⁶ *Id.*, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,5,6.

²⁰⁷ Cf. *Id.*, *Livro da Vida*, 22; *Id.*, *Castelo Interior ou Moradas*, 6, c.7; 5, cc.2-7.

aparente binômio “fé e obras” nos deixou o testemunho de uma explícita experiência mística: “Estando eu certa vez desejando fazer algo em serviço de Nosso Senhor, pensei em quão pouco poderia servi-Lo, dizendo dentro de mim: ‘Para que, Senhor, quereis Vós minhas obras?’ Disse-me Ele: ‘Para ver tua vontade, filha’”.²⁰⁸

A vida da “andarilha” de Ávila apresenta frutos que perduram por séculos. No entanto, sem a graça da contemplação infusa, não é explicável a sua personalidade, nem o seu magistério, nem a sua Reforma e nem ao menos sua santidade. As graças místicas não só condicionam e circunstanciam a pessoa, a mensagem e a obra teresiana, como as afetam e determinam intrinsecamente. Em Teresa acontece a perfeita correspondência entre vida íntima e manifestações exteriores. Partindo de sua realidade eclesial, no corpo místico da Igreja, a contemplação teresiana não foi um fenômeno acessório ou circunstancial, mas, teve função privilegiada, de caráter primário, isto é, perceber, experimentar e testemunhar a realidade objetiva dos valores interiores justificantes negados por Lutero, afirmados por Trento e vivenciados por ela.²⁰⁹

Dentre as experiências místicas de Teresa, o matrimônio espiritual está no cume de sua unidade com o Senhor. Teresa deu-se conta que o matrimônio pode realizar-se nesta vida. Começou a vivê-lo em 1575, cinco anos antes da redação de *Castelo Interior ou Moradas*. As sétimas moradas estão divididas em quatro capítulos: o primeiro, dedicado à Trindade; o segundo, ao matrimônio espiritual entre Cristo e a pessoa; o terceiro, sobre os efeitos ou a transformação da pessoa; e o quarto, sobre o propósito, a ação. A culminância do matrimônio espiritual no segundo capítulo segue a fórmula da Aliança do segundo livro de *Samuel* 9, do *Cântico dos Cânticos* e do *Evangelho de João*, e está presente na literatura histórica, sapiencial e profética: “Eu em ti, e tu em mim”. A oração em cada morada sobrenatural nos conduz até a presença quase permanente de Deus Uno e Trino. No matrimônio podemos dizer que a pessoa vive em oração. A oração tornou-se constante como o respiro. O tempo de companhia do Amado é quase permanente.

Para A. Arrondo, *Fundações* são uma continuidade do capítulo quarto das sétimas moradas. A qualidade de suas obras não está na grandeza das mesmas,

²⁰⁸ SANTA TERESA, *As Relações*, 52.

²⁰⁹ Cf. ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III: doctrina espiritual*, p. 169-171.

mas, na profundidade de amor que as realizou. Aqui se abrem muitas possibilidades práticas, inclusive se abre um espaço para a identificação do Amado com um terceiro, o próximo. Então, entendemos que o Crucificado são os crucificados do mundo.²¹⁰ O verdadeiro amante e seguidor do itinerário está a serviço da messe abandonada, fazendo-se cooperador de Cristo.

Castelo Interior ou Moradas é um itinerário até o amor adulto que tem como modelo o matrimônio, amor humano em sua expressão máxima, compreensível a qualquer experiência humana de amor ou desamor. Teresa apresenta um amor maduro, baseado no conhecimento mútuo, marcado por momentos árduos e difíceis dada a distância entre os amigos. O protagonista é Jesus, que deseja comunicar-se com o ser humano e o chama várias vezes e de muitas maneiras. Num primeiro momento o chamará a entrar no castelo, depois a conhecê-lo mediante a oração vocal, de recolhimento e de recolhimento com contentamento. Nessas três primeiras moradas perceberá, por meio da Humanidade de Cristo, as características do Amigo que depois será seu Esposo. O amor se aquece a partir das quartas moradas, começando na decisão firme das terceiras, quando Cristo convida a recolher-se no centro da alma, nas sétimas moradas. A voz que chama a esse recolhimento pode dar-se na oração ou em qualquer circunstância da vida, inclusive, através das pessoas.²¹¹

Com o desejo de união, nasce o desejo do encontro pleno com o Reino. A união é puro dom, acessível somente a quem se dispôs à redenção absoluta, isto é, à morte de uma vontade indomável que, por fim, se entrega nas mãos do Amado e deseja fazer sua vontade. Decisão dolorosa de um ‘eu narcisista’ que transforma a pessoa e a capacita para ser ensinada a partir do Amor recebido, objeto das sextas moradas. As experiências místicas dessa morada são a experiência de um amor incondicional recebido gratuitamente, algo que podemos compreender a partir da graça do sacramento da reconciliação.

Na sequência temos o cume do desejo agradecido que voa para os braços do Amado e se compromete em noivado. Então se contempla um adiantamento da felicidade do céu, a alegria de saber-se amado e a firme convicção de ajudar o seu amor. Contemplamos nessas moradas as diferentes formas de presença na ausência, antes da visão face a face, todas extensões da presença real e pessoal de

²¹⁰ Cf. MAS ARRONDO, A., *El itinerario espiritual en el Castillo Interior*, p. 235-236.

²¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 236-237.

Cristo na eucaristia: de Cristo em sua Humanidade, da visão intelectual, da visão imaginária, do conhecimento intuitivo que Teresa denomina como suspensão em Deus, da ausência total de Deus, pois, não se pode saber do amor sem conhecer o desamor. A descida ao inferno, ao mistério do mal, está no abismo mais profundo, de onde se aprende a compaixão, a solidariedade, onde a alma purifica, arde em desejos de ajudar o Esposo.²¹²

Esse é um processo que é todo ele fruto de um mesmo amor. De um amor que se desdobra de diferentes maneiras, sempre mais intensas. A contemplação mística é uma forma de presença de Deus que se entrega, que quer dar-se Todo.²¹³ Desde as primeiras moradas até as sétimas, desde os primeiros graus de oração até os últimos, existe um amor, de Deus para com a pessoa, que avança até a gruta amorosa das sétimas moradas. São viagens divinas, pontuais, curtas em tempo, que nunca anulam a base sacramental, moral e oracional das primeiras moradas. São modos diferentes de um mesmo ato amoroso, reiteradas, e com distintas intensidades. É o amor humano vencido pelo amor divino, com diferentes intensidades em cada um.²¹⁴ Neste contato com os graus da oração teresiana, reforçamos o entendimento de que, os santos têm no corpo místico da Igreja sua missão. A contemplação mística moveu a vida de Teresa à santidade e alimenta a Igreja em sua missão, dando ao orante a certeza de que sua alma é um belo castelo de diamantes que abriga o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, e que nessa intimidade, a partir desse contato interior que vem pela graça, não é possível viver sem amar os amigos do Amigo, como afirma santo Ambrósio:

Quem apanha a água dos montes ou a retira e bebe das fontes, também começa a orvalhar como as nuvens. Enche, pois, o íntimo do teu espírito com esta água, para que a terra da tua alma seja regada e tenhas a fonte em tua própria casa. [...] quem está repleto pode regar os demais; por isso, diz as Escritura: Se as nuvens estiverem carregadas, farão cair a chuva sobre a terra (Eclo 11,3).²¹⁵

Sendo a experiência mística um acontecimento na alma do orante, tem a função de fortalecer suas fraquezas e colocá-lo em união com os sofrimentos de Cristo pelo bem da humanidade. Isso se manifestará externamente em ações de caridade e de serviço a Deus e aos semelhantes. A vida de Teresa nos recorda que

²¹² Cf. MAS ARRONDO, A., *El itinerario espiritual en el Castillo Interior*, p. 237-238.

²¹³ Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 363.

²¹⁴ Cf. MAS ARRONDO, A., *op. cit.*, p. 239.

²¹⁵ SANTO AMBRÓSIO, *Cartas: por tuas boas palavras abrandas o povo*, p. 1655.

todo o discurso sobre o apostolado cristão convida a “ser” para “agir”, a “amar” para “fazer”. A verdadeira técnica do apostolado é o ardor e a santidade do apostolado, que o faz dócil e disponível às moções de Deus. Aqueles que sobem mais alto na vida espiritual podem ter uma maior consistência e uma maior perfeição em suas ações. Somente Deus basta.²¹⁶ É Ele, de fato, que unifica a vida, que faz de um cristão generoso um contemplativo e de um contemplativo um apóstolo.²¹⁷

Vejam agora, alguns passos a serem dados no caminho de oração proposto por santa Teresa em seu itinerário espiritual.

5.5.

O conhecimento de si na purificação dos sentidos e do espírito

5.5.1.

A importância do autoconhecimento

Iniciamos este tópico de nossa pesquisa fazendo memória das palavras de santa Teresa quando diz do “pão cotidiano com o qual devem ser comidos todos os manjares”:

Embora o conhecimento próprio nunca deva ser abandonado, nem haja alma, nesse caminho, tão forte que não precise muitas vezes voltar a ser criança e a mamar (nunca nos esqueçamos disso; eu talvez repita outras vezes, por ser muito importante), e embora não haja estado de oração tão elevado que torne desnecessário voltar ao princípio com frequência – sendo os pecados e o conhecimento próprio o pão com que todos os manjares, por mais delicados, devem ser comidos nesse caminho da oração (pão sem o qual ninguém poderia se sustentar) –, é preciso comer com moderação. Porque, quando se vê rendida e percebe claramente que nada de bom possui, sentindo vergonha diante de Rei tão grandioso, a alma vê o pouco que Lhe paga pelo muito que Lhe deve.²¹⁸

Vemos que Teresa apresenta o conhecimento de si como elemento indispensável para todo o processo de intimidade com o Senhor. Entendemos que, nesse processo, a criatura é convidada a desnudar-se diante de si mesma e de Deus, reconhecendo as paixões desordenadas que a movem, as motivações pecaminosas que chegam a ser causa de ações aparentemente boas, enfim, os seus vícios. No entanto, Teresa compreende que lançar o olhar sobre tais realidades é desesperador. Deparar-se com tantas misérias, é algo que, fora do olhar

²¹⁶ SANTA TERESA, Poesias, 9.

²¹⁷ Cf. SACRAMENTO, E. D. SS., *Le sette mansioni*, p. 241.

²¹⁸ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,15.

misericordioso de Deus, pode levar a criatura ao desespero. O conhecimento de si é o pão cotidiano dos que buscam oração. Colocar-se diante da verdade é ato de humildade daqueles que reconhecem seu nada fora de Deus. Entretanto, tudo isso só pode acontecer quando nos ancoramos na misericórdia do Deus que nos libertou quando ainda éramos seus inimigos. Dirá a santa:

Não seria grande ignorância, filhas minhas, que se perguntasse a uma pessoa quem é e ela não se conhecesse nem soubesse quem foi seu pai, sua mãe ou a terra em que nasceu? Se isso seria grande insensatez, muito maior, sem comparação, é a nossa quando não procuramos saber quem somos e só nos detemos no corpo.²¹⁹

Teresa mostra-nos que a verdade é necessária à vida de oração, necessária ao nascimento da nova criatura que emerge da intimidade com o Deus que é a Verdade. Sob o reino da mentira não é possível viver em Deus. Sabe que, enquanto vivermos, é bom que conheçamos a nossa natureza miserável.²²⁰ É o conhecimento do que somos que nos permite tomar diante de Deus a atitude da verdade que Ele exige:

Certa vez, pensando eu por que Nosso Senhor aprecia tanto a virtude da humildade. Deparei logo (a meu ver, sem que eu o considerasse, de modo repentino) com o seguinte: sendo Deus a suma Verdade, e a humildade, andar na verdade, eis a razão da sua importância. E é grandíssima verdade o fato de nada de bom proceder de nós; só o fazem a miséria e a insignificância. E quem não entende isso anda na mentira. Quem mais o compreender mais agradecerá à suma Verdade, porque anda nela.²²¹

Em conformidade com a doutrina teresiana, o beato Maria-Eugênio dirá que é o conhecimento de si próprio que faz triunfar a verdade na vida cotidiana, sendo indispensável em todos os graus da vida espiritual.²²² Nas primeiras moradas Teresa alega tratar-se de coisa tão importante que não pode ser negligenciado, por mais elevada que esteja a alma.²²³ Esse conhecimento deve ser o objeto das nossas preocupações diárias: “[...] tende o cuidado de, no princípio e no fim da oração, por mais elevada que seja a contemplação, concluir sempre com o conhecimento próprio”.²²⁴ Para o beato carmelita “É este conhecimento de si mesma à luz de Deus que assegurará à sua vida espiritual seu equilíbrio, que a fará humana, ao

²¹⁹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,2.

²²⁰ Cf. Id., Livro da Vida, 13,1.

²²¹ Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,10,7.

²²² Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 75.

²²³ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,2,9.

²²⁴ Id., Caminho de Perfeição, 39,5.

mesmo tempo que sublime; prática, ao mesmo tempo que profunda”.²²⁵ Frei Maria-Eugênio, nos dirá que o objetivo de santa Teresa em se conhecer é para melhor alcançar a Deus, sendo Ele, fim e princípio do conhecimento próprio. O autor apresenta um duplo conhecimento: o conhecimento psicológico da alma e o conhecimento espiritual fundamentado no valor da alma perante Deus.²²⁶

No que diz respeito ao conhecimento psicológico, é importante considerar que, para Teresa a alma não é escuridão²²⁷, mas, é iluminada, e esta luz é o próprio Deus que ilumina as profundezas da alma, produzindo seus efeitos. Das obras de santa Teresa, Maria-Eugênio, assinala algumas verdades psicológicas importantes para a vida espiritual, das quais enfatizamos duas. A primeira é a distinção entre as faculdades. Teresa dirá que desconhecemos que há um mundo interior em nós.²²⁸ É um mundo complexo e mutável. Entende a distinção entre pensamento ou imaginação e entendimento.²²⁹ A segunda verdade diz respeito à ação de Deus que permite distinguir duas regiões da alma: uma exterior, geralmente mais agitada, onde se move a imaginação e o entendimento que raciocina e discorre, ambas instáveis e que não conseguem ficar dominadas por muito tempo; e uma interior, mais tranquila, onde se encontram a inteligência, a vontade e a essência da alma, mais próximas da fonte da graça e mais dóceis à sua influência.²³⁰ De suas experiências, Teresa dirá: “[...] não nos perturbe a imaginação, nem façamos caso dos pensamentos”.²³¹

Adentrando no conhecimento espiritual, Maria-Eugênio dirá que é mais importante adquirir esse conhecimento já que é ele que revela aquilo que somos diante de Deus, revela as riquezas sobrenaturais com as quais estamos adornados e as más tendências que estão em nós. Sendo o conhecimento psicológico útil à perfeição, é o conhecimento espiritual parte dela, já que alimenta a humildade e se mistura a ela. No entender do autor, é sobre esse conhecimento que Teresa se refere como sendo o pão cotidiano com que devem ser comidos todos os manjares.²³²

²²⁵ MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 76.

²²⁶ Cf. Ibid., p. 76-77.

²²⁷ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,1,3.

²²⁸ Cf. Ibid., 4,1,9.

²²⁹ Cf. Ibid., 4,1,9.

²³⁰ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, op. cit., p. 76-80.

²³¹ SANTA TERESA, op. cit., 4,1,11.

²³² Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, op. cit., p. 80.

Para santa Teresa, Deus é amigo da ordem e da verdade. Isso exige que o nosso relacionamento seja baseado no que Ele é e não no que nós somos. Entre Deus e a criatura existe um abismo que separa o Infinito do finito, e, nem mesmo a intimidade para a qual Deus nos chama preenche este abismo. Ao debruçar-se sobre este abismo, a alma compreende obscuramente o que ela é na perspectiva do Infinito. A humildade nasce dessa condição de perceber a infinidade do abismo que há entre o Criador e a criatura. Essa criatura, que merece ser chamada “nada” diante do Ser infinito, se verdadeiramente chegou a Deus, experimentou no seu ser a pequenez extrema e a miséria profunda da sua natureza humana. Conhecer o ‘tudo’ de Deus e o ‘nada’ do ser humano é fundamental para a vida espiritual. Tal conhecimento, cria na alma uma humildade de fundo que nada poderá perturbar; coloca-a numa atitude de verdade que atrai todos os dons de Deus.²³³

O conhecimento de si revela não apenas um aspecto da verdade, que é o nada da criatura diante do Infinito de Deus, mas também, que essa criatura tão pequena, é feita à imagem de Deus e recebeu participação na vida divina. Por ser filha de Deus, tem a capacidade de realizar as operações divinas de conhecimento e de amor, é chamada a tornar-se perfeita como o seu Pai Celeste é perfeito. A alma tem grande valor²³⁴, é “o palácio onde está o Rei”²³⁵, é um “Castelo todo de diamante ou de cristal muito claro”.²³⁶ Deus a faz um cristal, é um “Castelo tão resplandecente e formoso, essa pérola oriental, essa árvore de vida plantada nas próprias águas vivas da vida, que é Deus”.²³⁷ O cristão precisa entender sua dignidade, as graças especiais que recebeu, reconhecer e ser grato por todo o progresso espiritual. A verdadeira humildade triunfa na verdade. A verdade livra dos perigos, ajuda para que as almas não sejam enganadas pelo demônio, alimenta a ação de graças e incita a um esforço de fidelidade exigido pela graça recebida.²³⁸

Neste mesmo Castelo, iluminado pela presença de Deus, Teresa encontra uma multidão de “cobras, víboras e animais peçonhentos”²³⁹, que são tão perigosos que só por milagre se pode deixar de tropeçar e cair.²⁴⁰ Estes animais representam as más tendências que se encontram na alma, as consequências do

²³³ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 81-83.

²³⁴ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 1,1,2.

²³⁵ *Ibid.*, 1,2,8.

²³⁶ *Ibid.*, 1,1,1.

²³⁷ *Ibid.*, 1,2,1.

²³⁸ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *op. cit.*, p. 83-85.

²³⁹ SANTA TERESA, *op. cit.*, 1,2,14.

²⁴⁰ Cf. *Ibid.*, 2,1,2.

pecado original. São forças temíveis que não podemos deixar de conhecer e constituem um dos pontos mais importantes do conhecimento de si próprio. Essas tendências se desenvolverão conforme a educação recebida, o meio frequentado, os pecados cometidos, os hábitos adquiridos. Algumas dessas tendências serão dominantes e parecem captar as energias da alma em seu proveito, levando a alma a inúmeras quedas. As tendências, quando combatidas nas segundas moradas, fazem sofrer. A vitória exterior adquirida nas terceiras moradas, ainda lhes deixa sua força interior e voltarão a aparecer cheias de vida no plano espiritual. Por menor que seja a tendência voluntária e a pequenez do seu objeto, a união não poderá se realizar. Essas tendências cansam a alma, a atormentam, a obscurecem, a mancham e a enfraquecem. O combate está na ascese espiritual. O orante deve conhecer suas tendências, especialmente as dominantes, para saber praticar essa ascese.²⁴¹ Enfim,

O conhecimento de si não terá campo mais complexo e instável, mais difícil de explorar e, ao mesmo tempo, mais doloroso e mais útil para conhecer do que estas tendências, estes répteis venenosos, tão venenosos, tão perigosos e tão inquietos²⁴² que cada homem traz dentro de si, que fizeram os santos gemer e os quais, lembrando-nos incessantemente a nossa miséria, incitam-nos a um combate sem tréguas.²⁴³

É a ação de Deus na alma que revela o valor das riquezas sobrenaturais e também o caráter nocivo das tendências. É na luz de Deus que a alma aprende a se conhecer. Teresa aconselha que esse conhecimento da alma não se dê numa análise direta, mas, procurando isso sob a luz de Deus:

A meu ver, jamais chegamos a nos conhecer totalmente se não procuramos conhecer a Deus. Olhando a sua grandeza, percebemos a nossa baixaza; observando a sua pureza, vemos a nossa sujeira; considerando a sua humildade, constatamos como estamos longe de ser humildes. Há nisso duas vantagens. Em primeiro lugar, está claro que uma coisa branca parece muito mais branca quando perto de uma negra, e vice-versa. Em segundo, porque o nosso entendimento e a nossa vontade se tornam mais nobres e mais postos a todo bem quando, às voltas consigo mesmos, tratam com Deus. Há muitos inconvenientes em nunca abandonar o nosso lodo de misérias.²⁴⁴

Teresa dá esse conselho àquelas almas que estão nas moradas iniciais. Quando se refere àquelas que estão nas moradas superiores, dirá que cada vez que

²⁴¹ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 85-88.

²⁴² Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 2,1,2.

²⁴³ MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *op. cit.*, p. 88.

²⁴⁴ SANTA TERESA, *op. cit.*, 1,2,9-10.

a Luz divina revelar a grandeza de Deus, também revelará a pequenez e a miséria da criatura:

Quando o espírito de Deus age, nada é preciso fazer para ter humildade e confusão, porque o próprio Senhor já as dá, e de um modo bem distinto do que nós o fazemos com as nossas ínfimas considerações, que nada são diante da verdadeira humildade iluminada que o Senhor ensina, trazendo tal confusão que a alma parece desfazer-se. É coisa muito conhecida o saber que Deus dá para que percebamos que por nós nenhum bem possuímos; e quanto maiores as graças, maior esse entendimento.²⁴⁵

Nossa mestra de oração diz que esse trabalho deve ser feito sem exames inutilmente prolongados, que serviriam apenas para alimentar as tendências naturais da alma, o que permitiria ao demônio sugerir pensamentos que paralisam, tudo sob a capa da humildade, pois como:

[...] não nos conhecemos devidamente, distorcemos o conhecimento próprio e, se nunca saímos de nós mesmos, esses e outros males devem causar-nos temor. Por isso digo, filhas: ponhamos os olhos em Cristo, nosso bem, e com Ele aprenderemos a verdadeira humildade [...]. Isso evitará que o nosso conhecimento próprio se torne rasteiro e covarde.²⁴⁶

A santa de Ávila ensina a distinguir a luz de Deus daquilo que vem do demônio e as formas de conhecimento próprio que delas procedem:

A humildade não inquieta, não desassossega nem deixa a alma em alvoroço, por maior que seja; ao contrário, vem com paz, com contentamento e tranquilidade. Mesmo que a pessoa, por se considerar ruim, entenda com clareza que merece estar no inferno, afligindo-se e tendo a impressão de dever ser justamente condenada por todas as pessoas, quase não ousando pedir misericórdias, se a humildade for boa, esse sofrimento trará consigo uma suavidade e uma alegria de que não gostaríamos de nos ver privadas. Quando a humildade é assim, não traz alvoroço nem angústia, mas amplia o coração, tornando a alma capaz de servir mais a Deus. Aquele outro sofrimento tudo perturba, tudo agita, revolve a alma inteira e é muito penoso. Creio que o demônio pretende com isso que pensemos ter humildade e, se puder, levar-nos a desconfiar de Deus.²⁴⁷

O processo do conhecimento de si, em Teresa, quebra as cadeias do egocentrismo, do angustiante fechamento e ostentações em si mesmo, que nada são que a manifestação de uma alma orgulhosa e soberba. Ela quer conhecer-se para melhor servir a Deus e ver reinar a luz da verdade na própria vida. Maria-Eugênio dirá que:

²⁴⁵ SANTA TERESA, Livro da Vida, 15,14.

²⁴⁶ Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,2,11.

²⁴⁷ Id., Caminho de Perfeição, 39,2.

[O conhecimento] Quando alimenta na alma a contrição dolorosa e, ao mesmo tempo, um amor ardente, a adoração profunda e as aspirações mais elevadas, o sentimento da sua impotência e as resoluções mais generosas, pode-se afirmar que ele é verdadeiro: traz em si o sinal divino da sua origem, que é a paz, o equilíbrio, a liberdade e a fecundidade.²⁴⁸

Entendendo que o processo do conhecimento de si é indispensável em todos os graus da vida espiritual, precisamos compreender que esse conhecimento conduz à purificação da alma.

5.5.2. A purificação dos sentidos

Para tratar das noites do sentido e do espírito, tomaremos como referência T. Gil, em seu artigo “*Hacia la morada principal atravesando noches*”, publicado no volume quinto das Atas do Congresso de Ávila ocorrido na ocasião dos quinhentos anos do nascimento de santa Teresa. De acordo com a autora, partindo de uma abordagem pastoral, podemos compreender a noite no caminho de oração como meio de purificação da pessoa, que se dá sob dois processos: o primeiro diz respeito ao processo de autoconsciência, ou, purificação do eu; o segundo, com a dinâmica do amor, ou, purificação do desejo. O primeiro, que se dá principalmente entre as três primeiras moradas, está ligado ao processo da noite escura do sentido; já, o segundo, descrito principalmente nas sextas moradas, se apresenta como o modo específico como santa Teresa vive a noite do espírito.²⁴⁹

Atravessar a noite do próprio conhecimento é um processo que leva da obscuridade à luz. Esse percurso afeta o corpo, o psiquismo e o espírito. Referindo-se ao corpo e ao psiquismo, dizemos que se trata de uma purificação de nosso modo de perceber, pois, nossos sentidos, nossa afetividade e nossa inteligência tendem a distorcer a realidade, em função dos próprios interesses. É uma purificação que conduz ao processo de maturação e plenitude humana. Simultaneamente vem a emergência da vida teologal, a vida a partir do interior, a partir do mais íntimo da pessoa. A purificação da vida psíquica supõe a transcendência desta como única instância da percepção para a necessidade da vida teologal. Essa necessidade brota da tomada de consciência de que somos mais que um corpo e de que estamos habitados, temos companhia. Aqui está o

²⁴⁸ MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 92.

²⁴⁹ Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 343-348.

início da comunicação, do diálogo com um interlocutor íntimo, que é Deus. Neste processo de purificação, que passa pelo conhecimento de si, vive-se uma situação de obscuridade que envolve nossa verdade fundamental que não nos permite gozar de nossa identidade mais profunda e autêntica. Deus permanece oculto uma vez que a pessoa ainda não descobriu sua presença e a possibilidade de relação com Ele.²⁵⁰ No entanto, é importante recordar o que diz são João da Cruz a respeito da noite dos sentidos:

[...] é apenas a porta e o princípio de contemplação que conduz à purificação do espírito; serve mais, como também referimos, para acomodar o sentido ao espírito, do que propriamente para unir o espírito a Deus. As manchas do homem velho permanecem ainda no espírito, embora a alma não as perceba, nem as veja.²⁵¹

No trajeto da purificação dos sentidos, nas primeiras moradas, percebemos que somos luz, mas podemos viver nas trevas. Deus está no interior da pessoa, habita o centro de sua alma, com sua presença ilumina todas as moradas, porém, podemos viver sob seu ocultamento, seja por nossos pecados mortais, seja pelo desconhecimento de sua presença. Nestas moradas, somos chamados a olhar para nós mesmos, perceber toda a miséria e ruindade que está em nós, o que certamente nos traz dor e sofrimento. No entanto, somos mais que estes corpos, somos mais que a miséria que vemos, somos fundamentalmente “diamantes” cuja beleza e brilho vêm do Deus que nos habita. Somos habitados e a emergência da vida teologal surge da consciência deste “Tu” com quem podemos nos comunicar.²⁵²

Nas segundas moradas, nos encontramos em uma noite repleta de ruídos que ensurdecem a Deus. É um momento crucial no processo de purificação que a pessoa vive no itinerário da fé. É a luta entre dois opostos: o mundo e Deus. Aqui a pessoa é chamada a transformar seu modo de perceber a realidade e sobretudo, a orientação de sua afetividade e vontade. Precisarà vencer o dilema entre permanecer no caminho de oração ou abandonar e instalar-se definitivamente do lado de fora do castelo, na superficialidade ou exterioridade de si. A pessoa sente-se atraída por Deus, pelo Evangelho, vê-se entusiasmada ante o seguimento de Jesus, porém, precisa lutar com o que ainda lhe atrai: as honras, o dinheiro, os

²⁵⁰ Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 349.

²⁵¹ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Noite Escura*, 2,2,1.

²⁵² Cf. GIL, T., *op. cit.*, p. 350.

prazeres ou tantos outros elementos que a obscurecem e ocultam a presença de Deus. Será necessário reorientar o próprio modo de perceber a realidade. A dor é fruto da própria incoerência. É a dor da lucidez. Nesta etapa do processo precisa-se decidir a não voltar para a primeira morada, ter a determinação de permanecer, recorrendo a misericórdia de Deus.²⁵³

Chegando as terceiras moradas, vemos que as pessoas que conseguiram ordenar a vida segundo os valores evangélicos, continuarão a percorrer o caminho em direção à plenitude de sua existência, fundamento de sua vida. Entram em crise quando se veem provadas em coisas grandes e se desestabilizam. Aqui são chamadas a acolher a iniciativa de Deus em suas vidas, saindo do controle da mesma. Pela primeira vez experimentam a *secura* na oração. Deus se esconde, não será encontrado conforme o desejado e a pessoa que até então tivera seu apoio em seus próprios esforços e méritos, é convidada a entrar no seu interior. Trata-se de desnudar-se e despojar-se de tudo.²⁵⁴ Será necessário permanecer nessa condição, sabendo-se “servo inútil”.²⁵⁵

Temos diante de nós a primeira etapa do processo de conhecimento de si, necessário à vida de quem quer colocar-se no caminho da oração. Teresa apresenta nas três primeiras moradas seu processo de purificação, perpassando sua dimensão física, pelas experiências de enfermidade que passou e de integração afetiva, rumo à maturação humana. A purificação dos sentidos traz consigo a verdadeira contrição do coração, a dor por nossos pecados, por nossas misérias, a vergonha de não viver conforme aquilo que cremos, ou, ao menos, queremos crer. Mostra que viver sem Deus é como estar mortos em vida.²⁵⁶ A purificação dos sentidos é necessária para que possibilite a emergência da identidade espiritual.

Identificamos esse processo como o caminho que permite a pessoa passar de uma vida fundamentada em si mesma, desde o temor e o desejo de felicidade, à uma vida orientada e centrada no amor de Deus. Passar por essa noite é a possibilidade de uma vida nova, com a mudança radical do protagonista na iniciativa da relação. A imagem de Deus é purificada, passando-se do temor servil diante de um Deus a quem temos que merecer e conquistar a partir de nossas forças, a um Deus Presença que se doa com misericórdia, largueza e bondade

²⁵³ Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 351-353.

²⁵⁴ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 3,1,8.

²⁵⁵ Cf. GIL, T., *op. cit.*, p. 353-354.

²⁵⁶ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 3,1,2.

infinita. Um Deus que é Vida que sustenta a todos²⁵⁷, Beleza que ultrapassa todas as belezas²⁵⁸ e que se apresenta como verdadeiro Senhor.²⁵⁹ O resultado desse processo de purificação do “eu” é a descoberta de uma força afetiva como motor e chave da relação com Deus, assim como a intuição de uma dimensão mais profunda da pessoa, a dimensão espiritual.²⁶⁰

5.5.3. A purificação do espírito

Continuando nosso percurso, vamos ao processo de purificação da vida espiritual da pessoa. Para Frei Maria-Eugênio, na noite escura do espírito, Deus vem a alma para estabelecer sua realeza.²⁶¹ São João da Cruz dirá que são as invasões divinas na alma que geram essa realidade: “Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições habituais, tanto naturais como espirituais. Chamam-na os contemplativos de contemplação infusa ou teologia mística”.²⁶² Deus purifica e ilumina para a união de amor com Ele.²⁶³ Nesse contexto, o sofrimento vem por dois motivos: a grandeza de Deus e a baixeza da alma:

[...] por dois motivos esta divina Sabedoria é não somente noite e trevas para a alma, mas ainda pena e tormento. Primeiro, por causa da elevação da Sabedoria de Deus, que excede a capacidade da alma e, portanto, lhe fica sendo treva; segundo, devido à baixeza e impureza da alma, e por isto lhe é penosa, aflitiva e é também obscura.²⁶⁴

A alma inapta e impura não é capaz de abarcar a comunicação de Deus. A Sabedoria divina lutará contra esses obstáculos e isso causará sofrimento à alma. Essa luta acabará quando a inaptidão e a impureza não apresentarem mais obstáculos ao fruir de Deus. É como se a purificação dos sentidos tivesse apenas podado a árvore, detendo as manifestações exteriores das más tendências, mas, deixado as raízes que estão no espírito, permitindo que as consequências do pecado original, das tendências, dos apegos e dos hábitos imperfeitos

²⁵⁷ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 8,6.

²⁵⁸ Cf. Ibid., 37,4; Id., Poesias, 3.

²⁵⁹ Cf. Ibid., 25,17.

²⁶⁰ Cf. GIL, T., Hacia la morada principal atravesando noches, p. 354-355.

²⁶¹ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 978.

²⁶² SÃO JOÃO DA CRUZ, Noite Escura, 2,5,1.

²⁶³ Cf. Ibid., 2,5,1.

²⁶⁴ Ibid., 2,5,2.

permanecessem. Isso arrasta a alma para o exterior que, apegada a si mesma, dificulta a orientação para Deus e a submissão à Sabedoria.²⁶⁵

A noite dos sentidos traz à alma bens espirituais, que podem ser mal-usados, gerando o que são João da Cruz chama de imperfeições atuais. “Portanto, para chegar a esta união de amor, convém à alma entrar na segunda noite, a do espírito”.²⁶⁶ Frei Maria-Eugênio apresenta a noite do espírito como uma noite purificadora e dolorosa causada pela ação de Deus na alma e pela resistência de suas imperfeições.²⁶⁷ Já que, “[...] não podem caber dois contrários num só sujeito que é alma. Logo, necessariamente esta há de penar e padecer, sendo o campo onde se combatem os dois contrários que lutam dentro dela”.²⁶⁸ Trata-se de um verdadeiro combate organizado pela Sabedoria de amor que quer estabelecer seu Reino na alma. Frei Maria-Eugênio dirá que é um drama semelhante ao do Getsêmani:

O Getsêmani presenciou o confronto da pureza de Deus e do pecado do mundo na humanidade de Cristo que suportava este duplo peso. Esta Humanidade Santa foi esmagada, dilacerada, aniquilada. Algumas queixas aos apóstolos, os gemidos na noite, o suor de sangue deixa-nos intuir o horror do drama silencioso e profundo que envolvia a obscuridade do mistério. E, contudo, o resgate da humanidade, o nascimento e os desenvolvimentos da Igreja, revelaram a qualidade da vitória conquistada pela paciência de Cristo neste combate. A noite do espírito é uma participação neste sofrimento e nesta vitória de Cristo.²⁶⁹

No entanto, não é possível uma identificação completa entre esses dois dramas. No Getsêmani, Cristo padeceu a dor dos pecados da humanidade; na noite do espírito padecemos as dores de nossos próprios pecados. O Senhor, em seu combate, redimiou e salvou toda a humanidade, Ele saiu vitorioso; já a noite do espírito diz da alta purificação de uma alma. Porém, essa noite não diz apenas de uma única alma, não se trata de uma luta individual. O que sai vitorioso torna-se um apóstolo, alguém que atraí e arrasta outros. A Igreja inteira está interessada na vitória dos que se encontram nessa noite.²⁷⁰

Lembramos que todo esse caminho se realiza na graça de Deus, sendo necessário o esforço pelo encontro com a verdade do humano diante da Verdade

²⁶⁵ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 979-984.

²⁶⁶ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Noite Escura*, 2,2,3-5.

²⁶⁷ Cf. MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *op. cit.*, p. 985.

²⁶⁸ SÃO JOÃO DA CRUZ, *op. cit.*, 2,5,4.

²⁶⁹ MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *op. cit.*, p. 986.

²⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 986-987.

divina. Sendo assim, o pão do conhecimento de si não pode vir dispensado mesmo que se tenha à mesa o melhor dos manjares.²⁷¹ Nas quartas e quintas moradas, Teresa anuncia o enamoramento em que se encontra a pessoa e como começou a despertar o desejo orientado para Deus. Nas sextas moradas, a pessoa verá o crescimento de seu próprio desejo até o limite da dor. As sextas moradas são um tempo de transição. A pessoa já vislumbrou o dom prometido, está próxima de alcançar a joia principal, o tesouro escondido. Porém, como se se tratasse de ouro, precisa passar pelo crisol para ser despojado das mazelas que estão entranhadas no espírito. São momentos de autêntico purgatório.²⁷² Um verdadeiro inferno que se receberá como o maior presente que se pode receber.²⁷³ Teresa trata a noite escura do espírito, como um querer de Deus, de caráter positivo e pedagógico, para que a alma possa ter mais altos voos. Estamos diante das provas e penas de amor por Deus e somente por Ele. Seu silêncio, sua ausência, causam uma dor infernal na alma, e o único remédio será esperar em sua misericórdia e centrar-se no exercício da caridade:

Se reza, é como se não fizesse – para o seu consolo, quero dizer –, porque não penetra no interior nem entende o que reza, embora se trate de oração vocal. Oração mental é absolutamente impossível nesse estado, já que as faculdades não se dispõem a isso. A solidão a prejudica, ainda que estar ou falar com alguém constituam outro tormento. Assim, por mais esforços que faça, mostra um modo desabrido e mal-humorado claramente perceptível. E saberá ela na verdade dizer o que tem? É indizível, tratando-se de aflições e pesares espirituais que não se sabem denominar. O melhor remédio (não para acabar com o sofrimento, pois este não conheço, mas para melhor suportá-lo) é ocupar-se em obras de caridade e outras coisas exteriores, esperando na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que Nele confiam. Que seja para sempre bendito. Amém.²⁷⁴

Parece-nos o momento em que a alma é agraciada com a percepção de que, ao tirar o olhar de Deus, não o tendo diante de si, quando não está em sua presença, nada lhe sobra, a não ser o desespero de estar apenas diante de suas misérias. A ausência de Deus²⁷⁵ remete à perdição, ao inferno em vida, ao não ter gozo algum em existir fora dele. Aqui a causa do sofrimento é o desdobramento do amor de Deus nela:

²⁷¹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,15.

²⁷² Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 355-356.

²⁷³ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,1,9; 6,11,3.

²⁷⁴ *Ibid.*, 6,1,13.

²⁷⁵ Cf. *Id.*, Livro da Vida, 29,10.

Há pouco tempo, como tinha prometido, Sua Majestade começou a me dar mais indicações de que se tratava dele. Cresceu em mim um imenso amor por Deus, que eu não sabia de onde vinha, porque era muito sobrenatural e não era procurado por mim. Eu me via morrer de desejo de ver a Deus, e não sabia onde mais procurar essa vida verdadeira a não ser na morte. Vinham-me uns ímpetos grandes desse amor que, embora não fossem tão insuportáveis quanto os de que já falei, nem de tanto valor, me deixavam sem saber o que fazer: nada me satisfazia, eu não cabia em mim, e sentia verdadeiramente que a alma me era arrancada. Ó artifício soberano do Senhor! Que meios tão delicados usáveis com Vossa escrava miserável! Vós Vos escondíeis de mim e, ao mesmo tempo, me púnheis, com o Vosso amor, numa morte tão saborosa que a alma jamais quisera sair dela.²⁷⁶

Não é Deus que está longe e do qual não se tem notícias. Aqui “[...] o intelecto está muito vivo para entender a razão pela qual a alma se angustia vendo-se ausente de Deus. E Sua Majestade auxilia dando de Si tão viva notícia [...]”²⁷⁷ que se acrescenta a pena. Teresa compara esse tempo com o purgatório. É um sentimento interior que se dá no mais íntimo da alma. Não pode gozar de nenhuma companhia nessa terra e também não pode gozar de Deus. Tem sede de Água Viva, mas não pode beber e esta é a sua pena. Essa graça trará como fruto, maior desprezo do mundo e maior desapego das criaturas. Suas “muletas” perdem a função diante do único que pode consolar, o “verdadeiro Consolador”.²⁷⁸ A finalidade última dessa noite é purificar a alma e dispô-la para a entrada na sétima e última morada, onde se consumará o matrimônio espiritual.²⁷⁹ A noite do espírito possibilita que a pessoa seja conduzida a uma maior intimidade com o mistério de Deus, que aqui, é o protagonista da relação. O progressivo aprofundamento na Verdade permite que a pessoa adquira maior lucidez acerca de sua verdade.

Teresa adverte suas monjas que é necessário andar na verdade, andar em humildade, estar em Deus²⁸⁰, o que será possível somente àqueles que passarem por esse processo.

5.5.4. Em busca da Beleza original

Parece que estamos diante da dor de um amor que arde e não se consuma. Um amor do qual não somos capazes por nossas misérias, porém, que se abre em

²⁷⁶ SANTA TERESA, Livro da Vida, 29,8.

²⁷⁷ Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,11,3.

²⁷⁸ Ibid., 6,11,9.

²⁷⁹ Cf. GIL, T., Hacia la morada principal atravesando noches, p. 361.

²⁸⁰ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,11,7.

promessa e experiência ainda nesta vida. Um amor que faz sofrer, porque está dado, quer ser amado, ama infinitamente sem moeda de troca, desperta a ânsia de amar e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de satisfazer o desejo. Nada, absolutamente nada, lhe é necessário para que ame e convide ao amor até o pior dos pecadores. Amou-nos quando ainda éramos seus inimigos, e nem assim, a criatura amada é capaz de amar. Tal experiência, de estar diante da Verdade que revela a verdade de nossas misérias, nos abre as portas do purgatório, da dor de ter diante dos olhos a possibilidade de atingir o ápice do amor e a impossibilidade de não poder pelas próprias misérias. O que resta é a espera na misericórdia, a possibilidade de estar nas mãos, no Coração do que ama e poder amar com o Amor de seu próprio Coração, mesmo que com uma mísera centelha que aqueça corações miseráveis como os nossos. O desejo humano de transcender para poder acolher Deus, somente o próprio Deus pode realizar. O ser humano está submetido a um contínuo ‘vir a ser’ que busca saciar o desejo de seu coração. É a ferida de amor da qual fala Teresa:

Os ímpetus de que falo são muito diferentes. Não somos nós a pôr a lenha, parecendo antes que, estando o fogo já aceso, logo somos lançados dentro dele para nos queimar. A alma não procura a dor dessa chaga da ausência do Senhor; em vez disso, fincam-lhe uma seta no mais profundo das entranhas e do coração, deixando-a sem saber o que fazer ou querer. Ela bem entende que quer a Deus, mas a seta parece capaz de levar a alma a perder-se de si por amor a este Senhor e a entregar a própria vida por Ele. Não é possível encarecer nem exprimir o modo como Deus chaga a alma, nem o tormento enorme que isso provoca, deixando-a fora de si. Essa dor é, no entanto, muito deliciosa, não havendo deleite na vida que possa ser comparado com ela. A alma desejaria, como eu disse, morrer sempre desse mal.²⁸¹

A noite escura experimentada por Teresa não é algo ruim, pelo contrário, é o caminho a ser desejado por todas as almas que buscam a intimidade com Deus. É um caminho importante para os que almejam o conhecimento próprio, que faz reconhecer que as próprias debilidades só podem ser superadas contando com a força da atração do amor de Deus que vem se revelando em todo o percurso. Da mesma maneira que a noite antecede o dia, a noite escura aponta para uma graça maior: a união que será para “sempre, sempre, sempre”. Propiciar o encontro e a comunhão plena é a finalidade dessa noite escura²⁸²:

²⁸¹ SANTA TERESA, Livro da Vida, 29,10.

²⁸² Cf. GIL, T., Hacia la morada principal atravesando noches, p. 364-366.

Talvez seja isso o que disse São Paulo: O que se eleva e se une a Deus faz-se um só espírito com Ele (1Cor 6,17). É possível que se refira a esse soberano matrimônio, onde se pressupõe que Sua Majestade já aproximou a alma de Si, por meio da união. E o Apóstolo também diz: *Mihi vivere Christus est mori lucrum* (Fl 1,21). Parece-me que o mesmo pode dizer a alma aqui, porque é onde a borboletinha a que nos referimos morre, fazendo-o com grandíssimo deleite, porque sua vida já é Cristo.²⁸³

Teresa expressa o que podemos chamar de união transformante, ou seja, a divinização da pessoa, que é a plenitude cristã que se pode alcançar nesta vida. A identificação com Cristo, transforma o desejo de morrer para encontrar-se com o Senhor em desejo de padecer com Ele para poder ajudar em algo ao Crucificado.²⁸⁴ A dor e as provações que padeceu tomam um sentido corredor na espiritualidade teresiana. A noite escura, ou seja, a purificação do “eu” (sentidos e espírito), é necessária à experiência de caminhar com Cristo, de tê-Lo como amigo inseparável. Não se trata de uma presença que se experimenta em nível de sensibilidade, que produza ternura, como pode acontecer em graus anteriores de oração, mas, se trata de uma verdade de fé da qual a pessoa já não pode duvidar²⁸⁵:

Com tão bom amigo presente, com tão bom capitão, que se ofereceu para sofrer em primeiro lugar, tudo se pode suportar; Ele é auxílio e encorajamento, nunca falta, é amigo verdadeiro. [...] É por meio desse Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Ele o ensinará; o melhor modelo é contemplar a Sua vida. Que mais queremos além de um amigo tão bom ao nosso lado, que não nos deixa passar sozinhos por sofrimentos e tribulações, ao contrário dos do mundo? Bem-aventurado quem O amar de verdade e sempre O tiver junto a si.²⁸⁶

Vimos que no caminho da purificação dos sentidos e do espírito, a verdade como fruto da humildade, é necessária para que a criatura possa assemelhar-se sempre mais ao seu Criador. Entretanto, finalizamos esse tópico reforçando a visão de Teresa sobre o ser humano. Não poucas vezes santa Teresa vai denominar-se como “mulher ruim e pecadora”, trazendo à tona frequentemente sua miséria. Aprofundar os escritos teresianos é caminho para compreendermos que Teresa não tem uma visão negativa da pessoa humana, muito pelo contrário, propõe o conhecimento de si, como caminho para que a criatura compreenda a beleza da criação de Deus, seu infinito Amor e Misericórdia, e o quanto, por

²⁸³ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,5.

²⁸⁴ Cf. *Ibid.*, 7,3,4.

²⁸⁵ Cf. GIL, T., *Hacia la morada principal atravesando noches*, p. 366-367.

²⁸⁶ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 22,6-7.

nossos próprios atos, fechamo-nos ao Deus que nos habita e embeleza. Teresa nos apresenta o que verdadeiramente somos, o que nos define, ou seja, o ser humano é em sua interioridade, em sua alma, um ser de beleza inigualável, um ser que, longe de carecer de sentido ou de estar vazio por dentro, é habitado pela divindade, um ser que é a imagem e semelhança de Deus²⁸⁷:

Falo de considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante ou de cristal muito claro onde há muitos aposentos, tal como no céu há muitas moradas. A bem da verdade, irmãs, não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias. Pois não achais que assim será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão pleno de todos os bens se deleita? Não encontro outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e a sua grande capacidade. De fato, a nossa inteligência – por aguda que seja – mal chega a compreendê-la, assim como não pode chegar a compreender a Deus; pois Ele mesmo disse que nos criou à Sua imagem e semelhança. Se assim é – e não há dúvida disso –, não há razão para nos cansar buscando compreender a formosura deste castelo. Pois, ainda que entre ele e Deus exista a diferença que há entre Criador e criatura – já que esse castelo é criatura –, basta que Sua Majestade diga que o fez à Sua imagem para que possamos entender a grande dignidade e formosura da alma.²⁸⁸

O processo espiritual consiste em descobrir cada vez mais essa grande beleza escondida, que por nossas culpas tantas vezes fica ofuscada aos nossos olhos. Nossa mestra de oração apresenta aqui um problema sério, que J. Fermín irá considerar a razão pela qual nós humanos somos tão miseráveis: não conhecermos a grande dignidade que há em nós. Teresa coloca em evidência aquilo que somos para Deus, isto é, seres com um valor incalculável nos quais o Criador depositou sua confiança. O Deus Trino estabeleceu sua morada no interior de cada pessoa, apesar de sua condição débil e pecadora. Trata-se de um processo que se dá em um diálogo interior com aquele que verdadeiramente nos conhece.²⁸⁹

Prossigamos nossa pesquisa lançando o olhar sobre a centralidade da Humanidade de Cristo na pedagogia teresiana.

²⁸⁷ Cf. FERMÍN, J. S., Una puerta para la esperanza: el conocimiento de sí y la oración en el Castillo Interior, p. 319-320.

²⁸⁸ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,1.

²⁸⁹ Cf. FERMÍN, J. S., op.cit., p. 320-321.